

## AS MINHAS RELAÇÕES COM AS ALMAS DO PURGATÓRIO

Maria Simma, *As almas do Purgatório disseram-me*, Editora Cidade do Imaculado Coração de Maria, Fátima.

### PORQUE PERMITE DEUS ISTO?

Muitas pessoas interrogam-se: “É possível que Deus permita aos mortos aparecer aos vivos?” Tudo é possível à Sua bondade, mas porque permite Deus coisas tão extraordinárias? Não é para satisfazer a nossa curiosidade! Se pela misericórdia de Deus acontecem factos extraordinários, são sempre conformes ao plano divino da salvação. É deste ponto de vista que devemos colocar-nos para os julgar.

Para todos nós devem ter uma utilidade espiritual; para os mortos são uma grande consolação porque lhes permitem ser libertados mais cedo dos seus sofrimentos. Estes factos devem levar-nos a rezar e a oferecer mais pelas almas do purgatório e a não nos prendermos tão fortemente ao que é terrestre, durante a nossa vida aqui em baixo.

O grande perigo, hoje, é que tudo vai demasiado bem. Devemos estar mais atentos à nossa vida eterna,

porque ela dura para sempre. Não prendamos o nosso coração ao que é temporal: de tudo o que passa, nada poderemos levar. Muitos bens, negócios, belas casas, tudo isso passa, e talvez mais depressa do que pensamos: só as nossas boas obras podem ir connosco. É evidente que precisamos de bens terrestres para viver, mas não deixemos que o coração se prenda a eles: é esse o problema. Tal é o sentido e o fim destas aparições de almas do purgatório, como de qualquer outra revelação privada. É o único motivo porque Deus permite tais contactos sobrenaturais. Que Deus, bom e misericordioso, Se digne dar-nos a Sua bênção para que deles tiremos proveito.

A alma a quem Deus quer dar uma graça particular apresenta por vezes essa graça desde a infância, mas não é raro que ela seja concedida mais tarde. Os caminhos de Deus são admiráveis, insondáveis. Um grande pecador pode tornar-se um grande santo, como por exemplo, Santo Agostinho. Saulo tornou-se S. Paulo, e de repente.

## PRUDÊNCIA PERANTE

## REVELAÇÕES PRIVADAS

Muitas vezes compreende-se mal a grande reserva da Igreja católica perante revelações privadas. Ela tem as suas razões e é muito bem que assim seja porque a Igreja é a guardiã da verdade. Vale mais que a Igreja não reconheça como autênticos dez casos do que

reconhecer um só que não o seja. Mas quando concordam plenamente com o ensinamento de Cristo, ela não pode rejeitar tais revelações, mesmo no caso em que essas revelações não tenham ainda sido objecto dum exame teológico aprofundado.

Um bispo, Monsenhor Bruno Wechner, interpelou-me: “Duvido, disse-me ele, que seja vontade de Deus que se interroguem as almas do purgatório sobre os defuntos”. Respondi-lhe: “Perguntei uma vez a uma alma: como pode dar-me informações sobre as almas a respeito das quais eu a interrogo?” Ela retorquiui: “Nós sabemos isso por Maria, Mãe da misericórdia.”

O bispo foi então de opinião que não devíamos meter-nos nesses assuntos; que há entre o céu e a terra coisas que ainda não se compreendem do ponto de vista teológico, mas que, no entanto, existem. Por fim, declarou que eu não devia em caso algum esperar vê-lo reconhecer o meu caso como autêntico, se fosse interrogado sobre isso; que nunca a Igreja podia fazê-lo enquanto a pessoa em causa vivesse; que a Igreja é tão severa - nós devemos reconhecê-lo - porque mesmo uma pessoa favorecida com graças extraordinárias poderia tomar-se infiel à graça e que ninguém estava ao abrigo dos embustes do Inimigo. Por isso uma tal alma devia ter um bom guia espiritual; essa era uma protecção espiritual contra os embustes do demónio.

## DEVEMOS DAR A CONHECER ESTES FACTOS OU DEVEMOS CALÁ-LOS?

“Porque é a si que se dirigem as almas do purgatório?” Eis uma pergunta que já me fizeram várias vezes. Não é de certeza por causa da minha piedade: há pessoas bem mais piedosas do que eu. No entanto não é a elas que as almas se dirigem. Os fenómenos sobrenaturais não são “termómetros de santidade”: a pedra de toque da perfeição é a caridade, a verdadeira caridade desinteressada, aos olhos de Deus e do próximo: sofrer pelos outros por amor, à imitação de Cristo. Não podíamos passar a nossa vida aqui em baixo sem cruz nem sofrimentos. Uma alma do purgatório disse um dia: “O que há de mais eficaz é o sofrimento, quando se suporta com grande paciência e se depõe em oferta entre as mãos da Mãe de Deus para que Ela o utilize por quem Ela quiser, porque a Mãe sabe onde será melhor utilizado e mais necessário”. Evidentemente, é mais fácil exortar alguém que sofre a que o faça com paciência do que sofrermos nós próprios com coragem. Eu sei o que custa sofrer, mas é justamente porque o sofrimento é doloroso que o seu valor é tão grande.

Não sei dizer porque é a mim que as almas do purgatório procuram. É claro que podem dirigir-se também a outros. Conheci no Vorarlberg duas pessoas, actualmente falecidas, a quem elas se dirigiam. Evidentemente que há ainda hoje muitas pessoas que as pobres almas vêm solicitar, mas que são conhecidas de muito poucas pessoas. A sua missão é outra,

diferente da minha.

Sei que seria muito mais fácil guardar estas coisas escondidas do que tomá-las conhecidas do público e pôr-se ao seu dispor, porque se enfrenta tanta incompreensão, desprezo, às vezes mesmo da parte dos padres. Muitos padres são sábios que querem compreender tudo. Mas os caminhos de Deus não se deixam sondar assim: é preciso uma grande humildade, o que nos nossos dias falta com frequência.

## EU QUERIA ENTRAR NO CONVENTO

Desde a infância tive o sentimento de que Deus me pedia um sacrifício muito especial. Quando eu ia à escola já queria saber qual seria esse sacrifício. Tinha de fazer um longo percurso para ir ao leite. O caminho passava perto de dois palheiros. Pensava: “Neste caminho, Deus poderia dizer-me o que quer de mim; tenho, portanto, de fazer um contrato com Ele”. Dirigia-Lhe esta oração: “Senhor, Vós podeis tudo. Quando eu passar perto de um ou de outro destes palheiros que se encontre aí um bilhete em que esteja escrito o que devo fazer”. E voltava sempre a esses dois palheiros para encontrar o tal bilhete. Mas era sempre em vão. Pouco a pouco invadiu-me a impaciência e disse a Deus: “Sabeis, não é minha a culpa não encontrar o caminho que escolheste para mim”.

Quando acabei a escola pensei: “Agora é pro-

vavelmente o convento; talvez seja lá que Deus me quer”. Aos 17 anos entrei no convento do sagrado Coração de Jesus, em Hall (Tirol). Ao fim de um ano tive de ir embora porque tinha muito pouca saúde! Quis entrar logo num outro convento. Tentei desta vez nas dominicanas de Thalbach, perto de Bregenz, nas margens do lago Constança. “Dizemos-lhe sem rodeios, declarou a superiora ao fim de 8 dias: é muito fraca para nós”. Não pude ficar. Então conheci o convento das franciscanas em Gaissau, que envia religiosas para as missões: “Eis o convento de que preciso! Pensei. Conduzir a Deus outras pessoas é a minha tarefa. Sou muito pouco dotada para estudar e ser professora, portanto vou entrar para um convento de onde possa mais tarde partir para as Missões”. Disse a Deus: “Agora faz com que eu possa ficar lá, senão não irei para mais nenhum convento”. Entrei nesse convento em 1938. Gostava muito de lá estar. Pois bem, uma vez mais a superiora disse-me: “É a mais fraca de todas nós...” Eu esperava, no entanto, que, uma vez terminados os trabalhos dos campos, eu iria aguentar. Mas mal terminou a colheita, a madre superiora disse: “É demasiado fraca para nós; não posso conservá-la aqui”.

## PRIMEIRAS APARIÇÕES

“Tudo acabou para mim, pensava eu: não consegui encontrar o caminho que Deus me traçou, e Deus não mo mostrou”. Durante bastante tempo isto inquietou-me muito, do ponto de vista espiritual; mas o que me reconfortava era o pensamento de que não era culpada: tinha feito tudo o que me era possível.

Desde a minha infância tinha um grande amor pelas almas do purgatório; a minha mãe também as amava muito e repetia-nos sempre este conselho. “Quando tiverdes um pedido importante a fazer, dirigi-vos às almas do purgatório; são a melhor ajuda”.

Foi em 1940 que se me manifestou pela primeira vez uma alma do purgatório. Acordei ouvindo alguém ir e vir no meu quarto. Olhei para ver quem poderia estar no meu quarto. Nunca fui muito medrosa: era mais fácil atirar-me à cara de alguém do que ter medo.

Vi então um estranho que ia e vinha lentamente. Interpelei-o em tom aborrecido: “Como entraste aqui? O que perdeste?” Ele fez como se não ouvisse nada e continuou as idas e vindas. “O que fazes?” Perguntei novamente. Depois, como não obtivesse resposta saí da minha cama e quis agarrá-lo. Só apanhei o ar; não havia mais nada. Voltei para a cama e ouvi de novo ir e vir: “Pensei, vejo este homem; então porque não posso agarrá-lo?” Levantei-me novamente; caminhava lentamente para ele, queria apanhá-lo...; uma vez mais mergulhei no vazio; não havia nada. Pouco tranquila, voltei a deitar-me; era cerca das 4 horas da manhã. Ele

não voltou, mas eu não voltei a dormir. Depois da missa procurei o meu director espiritual e contei-lhe tudo. “Se voltar a acontecer algo semelhante, explicou ele brevemente, não pergunes ‘quem és tu’ mas ‘que queres de mim?’” Na noite seguinte ele voltou: era o mesmo homem da noite anterior. Perguntei-lhe: “Que queres de mim?” Ele respondeu: “Manda celebrar três missas por mim e serei libertado”. Percebi que devia ser uma alma do purgatório. Disse-o ao meu confessor que me confirmou a ideia.

De 1940 a 1953 vinham em cada ano só duas ou três almas, em geral no mês de Novembro. Eu não via nesta nenhuma missão especial a cumprir. Disse-o ao meu pároco Alphonse Matt que era também o meu director espiritual. Ele aconselhou-me a que nunca afastasse uma alma e que aceitasse tudo generosamente.

## SOFRIMENTOS EXPIATÓRIOS POR OUTRAS ALMAS

Depois as almas do purgatório pediram-me também que sofresse por elas. Foram grandes sofrimentos. Quando uma alma vem, acorda-me tocando-me ou chamando-me, ou sacudindo-me ou de outra forma. Pergunto-lhe logo: “Que queres?” ou: “Que devo fazer?” Só então ela pode dizer-me o que lhe faz falta.

Assim, uma alma perguntou-me: “Sofrerias por mim?” Isto pareceu-me espantoso, porque, até então,



nenhuma tinha ainda expressado um tal desejo. Respondi: “Sim, mas que devo fazer para isso?” Ela disse-me: “Durante três horas terás grandes dores em todo o corpo; mas ao fim dessas três horas poderás levantar-te e dedicar-te às tuas ocupações como se nada se tivesse passado. Podes assim tirar-me vinte anos de purgatório”.

Aceitei. Fui tomada por tais dores que mal sabia onde estava, embora continuasse consciente de ter aceitado, em expiação por uma alma, esses sofrimentos que deviam durar três horas. Parecia-me que essas três horas já deviam ter passado há muito, e que eram antes três dias ou mesmo três semanas. Quando tudo terminou verifiquei e tinham na realidade passado apenas três horas. Às vezes só tinha que sofrer cinco minutos, mas como parecia longo esse tempo!

## AS MENSAGENS DAS ALMAS TORNAM CONHECIDAS ESTAS APARIÇÕES

Em 1954 - era o ano Mariano - vinham almas todas as noites. Às vezes diziam quem eram. Encarregavam-me de tal ou tal recado para os seus parentes. Deste modo o caso foi a pouco e pouco conhecido do público, o que foi para mim muito desagradável, porque por mim nunca teria falado a mais ninguém além do meu director espiritual. Tive por vezes de transmitir estas mensagens em aldeias que me eram completamente desconhecidas. Por vezes também

tinha de anunciar aos parentes que tinham de devolver um bem mal adquirido, que era exactamente designado. Havia casos em que os próprios membros da família não tinham nenhum conhecimento acerca disso, e, no entanto, era bem verdadeiro.

Vinham também almas durante o dia e não apenas de noite. Quando o ano mariano terminou, as almas não voltaram todas as noites, mas em média duas ou três vezes por semana. Passava-se às vezes uma semana inteira sem que nenhuma viesse. A maior parte das vezes apareciam no primeiro sábado do mês, ou num dia de festa da Santíssima Virgem, ou durante a quaresma. Sobretudo no decurso da Semana Santa muitas delas têm permissão de vir, e depois de novo no mês de Novembro e durante o Advento.

## DIVERSAS PERGUNTAS

**“Conhece as almas que se lhe dirigem?”** perguntam-me. As que conheci antes, reconheço-as imediatamente; as outras não, a não ser que me digam quem são. Aparecem a maior parte das vezes em traje de trabalho.

**“Pode enviar-se uma alma do purgatório a outra pessoa?”** Não, não se pode. Muitas vezes eu o teria feito de bom grado; teria sobretudo gostado de as enviar a pessoas que só sabem troçar destas coisas e que não acreditam que as almas do purgatório possam aparecer. Também me perguntaram com frequência se posso chamá-las. Não, não posso. Elas vêm quando o Bom Deus lho permite, para pedir a sua libertação.

**“É pecado não acreditar nas aparições das almas do purgatório?”** Não, porque isso não é dogma de fé; não se é obrigado a acreditar, mas não se devia rir disso.

### O QUE SABEM DE NÓS AS ALMAS DO PURGATÓRIO?

As almas sabem bastante mais do que nós pensamos sobre nós e sobre o que nos acontece. Sabem, por exemplo, quem está presente nas suas exéquias e se lá rezamos ou se estamos apenas presentes, sem dizer uma palavra de oração, o que acontece muitas vezes.

Sabem quem vai embora depois um simples acto de presença ou duma oferta de flores sem assistir à missa que lhes seria muito mais proveitosa. Se assistirmos com piedade em vez de acompanhar apenas o corpo ao cemitério, ajudamos muito mais estes defuntos, porque senão só lá vamos para sermos vistos o que para eles traz muito pouca vantagem. As almas também sabem o que se diz delas, o que se faz por elas; elas estão muito mais próximas de nós do que pensamos: elas estão muitíssimo próximas.

## O QUE AJUDA AS ALMAS DO PURGATÓRIO

O socorro mais precioso que podemos dar às almas é, sem dúvida nenhuma, a missa. Mas aproveitam na medida em que os defuntos a estimaram durante a vida. Também aqui recolheremos o que semearmos. De resto, não contam só as missas dos dias de preceito — domingos e festas — mas também as dos dias de semana. É claro que nem todos podem assistir à missa nos dias de trabalho; há as ocupações profissionais, as tarefas, e o dever passa à frente de tudo.

Mas há muitas pessoas que podiam ir sem faltar a nenhum dever: por exemplo os reformados que têm boa saúde, ainda com pernas firmes, que habitam perto da igreja, mas dizem: “Aos domingos tenho obrigação, mas não durante a semana; portanto não vou”. Os que pensam e agem assim esperarão muito tempo, depois da morte, para que uma missa lhes

aproveite, porque eles fizeram pouco caso dela durante a sua vida.

Quando nós estamos impedidos de ir, mandemos sempre que possível as crianças em idade escolar. Em muitos locais não há crianças na missa nos dias de semana. Se se soubesse qual é o valor de uma só missa para a eternidade, as igrejas estariam cheias, mesmo nos dias de semana. À hora da morte, as missas a que tivermos assistido piedosamente durante a nossa vida, são o nosso maior tesouro; terão para nós mais valor que as missas que são celebradas por nós após a nossa morte.

Pais e educadores queixam-se de que as crianças são, nos nossos tempos, muito insolentes e desobedientes. Isso não acontece por acaso: antigamente as crianças assistiam todos os dias à missa dos alunos; a oração e a comunhão davam-lhes a força para serem obedientes e fiéis ao seu dever. Nenhum pai, ou mãe, ou catequista pode meter no coração da criança o que Jesus lhe dá em graças durante a missa e pela santa comunhão.

Já me perguntaram se o facto de acender velas tinha algum sentido e valor. Sim, sobretudo quando são benzidas. Mas mesmo quando não o são devemos pensar que são compradas por amor aos defuntos e todo o acto de amor vale muito.

A água benta é preciosa também, quando se usa com fé e confiança. Mas tanto faz aspergir o chão com a

mão cheia como deitar uma só gota: vale mais uma única gota acompanhada de uma jaculatória pelas almas. É pena que na maior parte das casas já não se encontre um recipiente de água benta; não se tem assim ocasião de dar água benta às almas do purgatório.

### QUAIS SÃO OS PECADOS MAIS SEVERAMENTE EXPIADOS NO PURGATÓRIO?

Os pecados contra a caridade: maledicência, calúnia, rancor; as querelas provocadas pela cupidez e a inveja são duramente punidos no outro mundo. Por exemplo, um vadio poderia ser um homem como deve ser, se fosse tratado é com bondade e caridade. Cuidado para não cairmos sobre essas pessoas sem dó nem piedade, para não rirmos delas; isso faz um grande mal à nossa alma. Quantas pessoas isoladas se queixam de que as ajudamos tão pouco enquanto na vizinhança, apenas a dez metros, há jovens. Mas não lhes vem a ideia de ajudar o velho vizinho que não tem quem o ajude sequer a abrir uma passagem na espessa camada de neve que tem junto à porta. No entanto, as obras de caridade receberão a mais alta recompensa na eternidade.

Quantas vezes, também, se peca por palavras e julgamentos desprovidos de caridade! Poderíamos escrever um livro inteiro sobre este assunto. Se seguissemos o conselho que nos dá a Mãe de Deus: “Sede caridosos e bons para todos”, poderíamos

converter a maior parte dos homens e não teríamos de temer o comunismo. Uma palavra pode matar, uma palavra pode curar. O amor cobre uma multidão de pecados. Encaremos então com caridade sobretudo os nossos inimigos. Ser bom com os que nos fazem o bem, também os pagãos o fazem, diz Cristo. Mas fazer bem àqueles que tem sentimentos hostis para connosco, é a verdadeira atitude cristã; é isso o que o Senhor nos pede; faríamos assim de muitos inimigos, amigos e poderíamos poupar-nos, em grande parte, o purgatório.

## O QUE SOFREM AS ALMAS NO PURGATÓRIO

Sofrem de mil diversas maneiras: há tantas espécies de purgatório como há de almas. Cada alma sofre a nostalgia de Deus e esta é a mais lancinante de todas as dores. Além disso, cada alma sofre no que — e pelo que — a fez pecar. É já, em certa medida, o que acontece na terra em que a punição segue a má acção: quem come em excesso sofre de dores abdominais e torna-se demasiado pesado; o que fuma muito fica intoxicado pela nicotina e favorece o aparecimento de cancro do pulmão. Nenhuma alma quereria voltar do purgatório para viver de novo como antes, nas trevas em que nós estamos porque ela tem um conhecimento do qual nós não fazemos nenhuma ideia.

As almas querem purificar-se no purgatório, como o ouro no crisol. Podemos imaginar uma jovem que

queira ir ao seu primeiro baile com o vestido sujo e despenteada? Uma alma que está no lugar de purificação tem uma imagem tão fulgurante de Deus, Deus apareceu-lhe numa beleza e uma pureza tão radiosas, tão deslumbrante, que nem todas as forças do céu chegariam para a fazer mover para se apresentar diante de Deus enquanto que nela subsistir a mínima mancha. Só uma alma luminosa, perfeita, ousa ir ao encontro da luz eterna e da perfeição divina para contemplar Deus face a face.

## PORQUE DOU CONFERÊNCIAS

“Deves ir a todo o lado onde fores chamada — dizem as almas do purgatório — pois é o teu apostolado”. O Concílio também pede que os leigos trabalhem mais no apostolado. Todo o católico contraiu, na sua confirmação, a obrigação de defender a fé e a verdade segundo os dons que recebeu. Assim, é meu dever fazer essas conferências. Até mesmo muitos padres não querem compreender e não permitem mesmo que o povo o queira. Rezemos por estes padres.

Não recebo pagamento pelas conferências, apenas peço que paguem a minha viagem e as despesas. Já me recriminaram por receber às vezes donativos espontâneos que ultrapassam o preço da viagem. E verdade, mas esse dinheiro não o uso para mim; vai para a “caixinha das almas”. É para lá que vão todos os donativos suplementares; pertencem às almas que



pedem uma missa ou um donativo em favor de uma boa obra. Tenho o hábito de viver simplesmente. Quando ia à escola só tínhamos para comer, ao almoço e ao jantar, uma sopa e um pedaço de pão. No entanto os oito filhos que nós éramos, crescemos de boa saúde. Talvez tivéssemos melhor saúde, às vezes, se vivéssemos mais simplesmente.

Perguntam-me também que escolas frequentei, para poder fazer tais exposições. Só frequentei a escola primária durante oito anos. Mas, pelas minhas relações com as almas do purgatório, aprendi muito e tornei-me outra. Tenho também uma grande confiança no Espírito Santo. Só quando invocamos o Espírito Santo com confiança experimentamos o poder da sua ajuda. E que importância tem a sua assistência, sobretudo quando se trata da educação das crianças!

Assim, nunca serei capaz de aconselhar suficientemente aos pais e educadores que peçam ao Espírito Santo que os ilumine.

## DEVEMOS PERDOAR PARA ALÉM DO TÚMULO?

Um camponês veio um dia procurar-me para se lamentar. “Estou a construir, disse ele, um estábulo. Cada vez que o muro chega a uma certa altura, desmorona-se do outro lado. Examinamos o assunto e não encontramos nenhuma falha; deve haver aqui algo sobrenatural. Que fazer?”

Perguntei-lhe: “Terás tu um defunto que, tendo alguma coisa contra ti, nutria sentimentos hostis a teu respeito?” Ele respondeu: “Sim. Pensei justamente que só podia ser ele que, mesmo debaixo da terra, não me deixava tranquilo.” Eu disse-lhe: “Ele só te pede, disse-lhe eu, que lhe perdoes; e nada mais”. Mas ele não estava nada disposto a perdoar: «O quê? Perdoar-lhe a ele que me fez tanto mal enquanto foi vivo? Para que ele possa voar para o céu? Não, não, ele tem é que expiar».

Tive de acalmá-lo: «Ele não irá logo para o céu, terá de expiar esse mal, mas suportará mais facilmente a sua pena. Não te dará repouso enquanto não lhe perdoares do fundo do coração».

Ele não queria saber de nada disso. Então perguntei-lhe: “Porque dizes então, no Pai Nosso. Perdoai as nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido? Na realidade tu dizes a Deus: não me perdoes porque eu não perdo ao meu próximo”.

“Só agora compreendo verdadeiramente”, confessou ele.

Então pude levá-lo a juntar todas as suas energias para declarar: “Sim, em nome de Deus, eu quero perdoar para que Deus também me perdoe”.

## COMO RECEBO RESPOSTAS

Só nos primeiros sábados do mês e nos dias de festa de Nossa Senhora, posso perguntar se uma alma ainda está no purgatório ou não. Quando uma alma aparece e depois de ter dito o que precisa para ser libertada ainda permanece lá, sei que posso questioná-la. Mas não recebo a resposta por esta alma a quem fiz a pergunta, muito simplesmente porque ela será libertada quando tivermos feito o que pediu.

É uma outra alma que traz a resposta, uma alma que pode vir, também ela, para pedir a sua libertação. Quando apresenta o seu desejo, ela diz-me se tal alma está ainda no purgatório ou se já foi libertada. Posso assim verificar, no meu caderno, quem me indicou esse nome e posso dar a resposta à pessoa interessada.

Às vezes podem passar dois ou três anos, frequentemente menos, antes de eu ter uma resposta. E conforme Deus o permite.

Não creio que as almas possam dizer se alguém está no inferno; mas não se deve concluir que não há inferno. Oh! Há um inferno e há muita gente no inferno.

Se me perguntam qual é o meio mais seguro de não ir para o inferno, respondo: “Sede humildes; quem é humilde não vai para o inferno, mas quem é orgulhoso corre perigo de se perder para a eternidade”.

## QUAL É A EFICÁCIA DA INDULGÊNCIA PLENÁRIA CONCEDIDA EM ARTIGO DE MORTE? -

Um homem questionou-me um dia sobre a sua falecida esposa. A resposta foi que esta mulher ainda estava no purgatório. Notem que ela era membro de várias confrarias nas quais se pode ganhar uma indulgência plenária à hora da morte. Podia, portanto, pensar-se que ela já não estivesse no purgatório.

Perguntei a uma alma como acontecia isso. Foi esta a resposta: “Para ganhar plenamente uma indulgência para si própria é preciso ter a alma completamente livre de todo o apego ao que é terreno. E pedir muito. Tomem como exemplo uma mãe de cinco filhos no seu leito de morte. Ela deve dizer a Deus: “Só quero o que Vós quereis; viver ou morrer, como Vós quiserdes”.

E pedir muito. É preciso ter já vivido nesses sentimentos para alcançar um tal grau de desapego à hora da morte.

## QUANDO SE FAZ BATOTA

Alguém fez perguntas sobre a sorte de uma pessoa de que deu o nome, ano de nascimento e ano de falecimento. A resposta? “Ainda está no purgatório”. Ele zombou de mim dizendo: “Destas vezes é claro que tudo isto é fingimento: esta mulher ainda vive!”

Pensei: como pode então uma alma dizer-me que esta pessoa ainda estava no purgatório? Procurei o meu director espiritual e disse-lhe: “Não volto a aceitar perguntas, há qualquer coisa que não encaixa”.

Calmamente, tranquilamente, ele respondeu-me: “Quando tiveres novamente ocasião de falar com uma alma, diz-lhe: “Em nome de Jesus ordeno que me diga porque me foi dada uma resposta que é falsa, visto que essa pessoa ainda está viva”. Fiz o que ele me ordenou e recebi o seguinte ensinamento: “Essa resposta não vinha de uma alma do purgatório”. “Então de quem vinha?” A alma respondeu: “Era o demónio sob a aparência de uma alma do purgatório”. “Isso aconteceu mais do que uma vez?” “Quando te fizeram perguntas em total franqueza, recebeste de nós respostas justas; quando fazem batota, e só então, o demónio tem o poder de se meter”.

O padre, a quem relatei estas palavras, fez-me esta reflexão: “Já tinha pensado que o demónio estava aí metido; é preciso não trapacear com estas coisas. É preciso cingir-se estritamente à verdade. O demónio é o pai da mentira; quando se mente ele exerce o império do seu poder”.

## ALDEIA EM DESASSOSSEGO

Em 1954 um homem veio informar-se sobre dois defuntos: “Estou muito impaciente por saber qual vai ser a resposta”, disse ele. Porquê? Não disse mais

nada: só pedia a resposta. Era o ano Mariano e a resposta veio prontamente. Um mês mais tarde já lhe podia responder: “A senhora S. já foi libertada e o senhor H. ainda está no fundo do purgatório”. Ele abanou a cabeça: “Não é possível! A senhora S. que morreu no hospital por causa de um aborto já está libertada e o senhor H que era sempre o primeiro e o último na igreja estaria ainda em purgatório profundo?”

“Estamos em ano Mariano, disse-lhe eu; recebo tantas respostas que posso ter-me enganado ao tomar nota; voltarei a perguntar”. Então repeti a pergunta e recebi esta resposta: “Não te enganaste; anotaste correctamente”. Comuniquei isto ao homem que não quis acreditar. Ele era da mesma aldeia da senhora S. e do senhor H. Metade da aldeia tinha ficado espantada por causa destas duas respostas, mas eu não podia modificar nada.

Ora aconteceu que, da mesma aldeia, me procurou uma mulher que tinha conhecido muito bem a senhora S. e o senhor H. Ela tinha outra opinião: “Indignaram-se com a sua resposta, disse-me ela, mas o que fortaleceu a minha convicção foi justamente a sua resposta acerca dos dois casos.”

Ela veio precisamente por causa disso. E continuou nos seguintes termos: “Posso dizer que conheci a senhora S. como se fosse minha irmã. Ela era fraca, sob o ponto de vista moral, é verdade, mas ela sofreu muito por isso. Isso vinha-lhe, em grande parte, por

hereditariedade. Morreu de um aborto, é verdade, mas o padre que a assistiu à hora da morte reconheceu: “Eu gostaria de morrer com sentimentos de arrependimento iguais aos desta mulher”. Ela morreu no Senhor e foi enterrada religiosamente. Em contrapartida, o senhor H. era de facto o primeiro e o último na igreja, mas criticava incessantemente os outros. O que mais me indignou foi que na altura do enterro da senhora S., ninguém estava tão excitado como o senhor H. Ele não pôde deixar de fazer esta reflexão: “Uma tal desavergonhada não devia ser enterrada no cemitério”.

Reconhecida por esta explicação, disse-lhe: “Agora tudo é claro para mim. O Senhor não quer que julguemos os outros. O senhor H condenou esta mulher: no entanto Deus foi misericordioso com ele porque apesar de tudo salvou-se, pois é muito perigoso condenar alguém”. Não podemos pronunciar uma sentença contra ninguém. Suponhamos que vinte pessoas cometem uma acção que, - vista exteriormente, é a mesma: a falta pode ser diferente para cada uma delas. Há tantos factores a considerar para julgar: educação, hereditariedade, conhecimento, estado de saúde, comportamento, quem a rodeia... Nós nunca podemos julgar.

## TAMBÉM HÁ CRIANÇAS NO PURGATÓRIO?

Sim, crianças que ainda nem vão à escola, podem ir para o purgatório. Desde que uma criança sabe que alguma coisa não está bem, se apesar disso a faz comete falta. E claro que para as crianças o purgatório não é tão longo, nem tão penoso, porque lhes falta o pleno discernimento. Não digais que uma criança ainda não compreende! A criança compreende mais do que nós pensamos; ela tem uma consciência bem mais delicada do que um adulto.

## QUAL A SORTE DAS CRIANÇAS MORTAS SEM BAPTISMO, DOS SUICIDAS, ETC?

Essas crianças também têm um «céu»; estão felizes, mas não têm a visão de Deus. No entanto sabem tão pouco a esse respeito que crêem ter o que há de mais belo.

O que acontece com os suicidas? São condenados? Não, na maior parte dos casos não são responsáveis pelo seu acto. Os culpados de que essas pessoas se suicidem têm uma grande responsabilidade.

Os membros de outras religiões também vão para o purgatório? Sim, mesmo que não acreditem nele. Mas não sofrem lá tanto como os católicos porque não tinham as fontes de graças de que nós dispomos; sem dúvida, não têm a mesma felicidade.

As almas do purgatório não podem fazer nada por si



mesmas? Não, absolutamente nada, mas podem ajudar-nos muito se lho pedirmos.

## ACIDENTE DE CIRCULAÇÃO EM VIENA

Uma pobre alma fez-me este relato: “Tive morte instantânea com uma moto, em Viena, porque não observei as regras de trânsito. Era o meu destino”. Perguntei-lhe: “Estavas pronto para entrar na eternidade?” “Não estaria pronto, confessou, mas Deus dá a quem não peca contra Ele com insolência e presunção, dois ou três minutos para poder arrepender-se. E só quem recusa é condenado”.

O seu comentário foi interessante e instrutivo: “Em tais casos as pessoas, por vezes, dizem: ‘Era a sua hora’. É falso. Só é assim quando uma pessoa morre sem que em nada tenha contribuído para isso: então pode dizer-se que era a sua hora. Segundo os desígnios de Deus, eu poderia ter vivido ainda trinta anos; só então se teria esgotado o tempo da minha vida. É por isso que não temos o direito de expor a nossa vida a um perigo de morte, excepto em caso de necessidade”.

## UMA CENTENÁRIA NO CAMINHO

Foi em 1954, à tarde, pelas 14h30. Eu ia a caminho de Marul. Na floresta, antes de passar no território desta comuna vizinha da minha, encontrei uma velha.

Pensei: “Aqui está uma que tem de certeza mais de cem anos”, tão idosa, ela me parecia. Saudei-a amigavelmente “Porque me saúdas? disse, já ninguém me saúda”. Consolei-a: “Merece tanto ser saudada como qualquer outra pessoa”. Ela começou a queixar-se: “Já nem sequer alguém me dá esta prova de simpatia; ninguém me dá de comer e tenho de dormir no caminho”. Não é possível, pensei eu, já não deve estar bem da cabeça. Tentei dizer-lhe que não podia ser assim. “Mas é”, respondeu ela. Pensei que ela fosse uma maçadora e não quisesses ficar com ela muito tempo por causa da idade e convidei-a a jantar e dormir na minha casa. “Mi, mas eu não posso pagar nada”. «Não tem importância, mas tem de aceitar o que tenho para oferecer: não estou bem instalada, mas sempre será melhor do que dormir na rua». Então ela agradeceu-me: «Deus lhe pague!

Agora fui libertada” e desapareceu. Eu não tinha notado, até esse momento, que era uma alma do purgatório. Certamente durante a sua vida afastou alguém que devia ajudar; agora teve de esperar que alguém lhe oferecesse espontaneamente o que ela tinha recusado a outro.

## ENCONTRO NUM COMBOIO

«Conheces-me?», perguntou-me uma alma. Tive de responder que não. “Tu já me viste: em 1932 viajaste comigo até Hall, fui então teu companheiro de

viagem”. Lembro-me bem. Este homem criticou muito alto, no comboio, a Igreja e a religião. Embora eu então só tivesse 17 anos tomei a coisa a sério e disse-lhe que ele não era um bom homem porque denegria assim as coisas santas. “Tu és jovem de mais para me dares lições”, respondeu ele para se justificar. “No entanto sou mais inteligente que tu” respondi ousadamente. Ele baixou a cabeça e não disse nem mais uma palavra. Quando desceu do comboio, pedi a Nosso Senhor: “Não permitais que esta alma se perca!” “Essa oração salvou-me, concluiu esta alma, sem ela teria sido condenado”.

## UMA MULHER SALVA UMA ALDEIA

Em 1954, uma avalanche causou na nossa região uma grande catástrofe. Na aldeia vizinha, Fontanella, morreu pouco depois uma mulher de nome Stark, que tinha estado doente durante 30 anos. Contava-se que cem anos antes, as avalanches tinham já causado destruições, mas agora ainda era pior. Depois desta primeira devastação, plantou-se uma floresta para proteger a aldeia. Durante a avalanche de 1954 esta floresta foi quase inteiramente arrancada. Algumas árvores contiveram a força da neve, sem o que metade da aldeia teria sido varrida.

Quando a senhora Stark morreu, pouco depois desta catástrofe, eu pude ouvir isto das almas: foi somente esta mulher que, pelas suas orações e sofrimentos,

conseguiu que estas árvores aguentassem. Ela tinha oferecido todos os seus sofrimentos para o bem da sua terra e tinha-lhe obtido também muitas graças. Se ela tivesse tido saúde, não poderia ter feito isso. Pelo sofrimento suportado com paciência, salvamos mais almas do que pela oração.

Evidentemente, é mais fácil exortarmos um doente a sofrer com paciência do que, nós mesmos perseverarmos com humildade. Eu sei o que é sofrer; é justamente por ser tão doloroso que o sofrimento tem tanto valor! Não vejamos sempre o sofrimento como um castigo: ele pode ser aceite como expiação não apenas por nós próprios, mas antes de tudo pelos outros.

Cristo era a própria inocência e foi Ele quem mais sofreu pela expiação dos nossos pecados. Só no céu saberemos tudo o que obtivemos pelo sofrimento aceite, em união com os sofrimentos de Cristo.

O modo mais eficaz de oferecermos os nossos sofrimentos consiste em entregá-los nas mãos da Mãe de Deus para que Ela os distribua como quiser, porque Ela sabe onde são mais necessários.

## CAIXOTE DO LIXO; MÃO NEGRA E PROFANAÇÃO DA CRUZ

“Que fazes com o caixote do lixo?”, perguntei a uma mulher que encontrei com um na mão. “É a minha chave do paraíso”, respondeu ela resplandecente.

“Não rezei muito durante a minha vida. Ia raramente à igreja, mas uma vez, antes do Natal, limpei gratuitamente a casa toda de uma pobre velhota. Foi a minha salvação!” Prova de que tudo depende da caridade.

Um encontro que nunca esquecerei é o daquele padre cuja mão direita estava negra. Perguntei-lhe qual era a causa. “Eu deveria ter abençoado mais”, declarou ele. “Diz a todos os padres que encontrares que devem abençoar mais; que podem também espalhar muitas bênçãos e esconjurar as forças do mal.”

Um dia, depois de me ter dito de que necessitava para a sua libertação, uma alma acrescentou: “Se me fizerem isto, ficarei contente”. Nada mais, além de onde e quando tinha deixado este mundo.

Particpei aos seus parentes, que eu não conhecia. Eles primeiro foram cépticos. Queriam saber se todas as almas diziam: “Se me fizerem isto, ficarei contente”. “Até aqui”, disse-lhes, “foi a primeira vez que uma alma se exprimiu assim”.

Eles quiseram então saber porque se tinha ela expressado assim. Respondi que não sabia. “Pois bem, nós sabemos, disseram pensativos; era como que a divisa do nosso pai. Ele dizia sempre: ‘Se fizerdes isto ficarei contente’. Por isso acreditamos em si”.

Eram pessoas que já não iam à missa de domingo, pensando que era apenas um mandamento da Igreja. Expliquei-lhes que um mandamento da Igreja conta na

eternidade como um mandamento de Deus; que a diferença consiste em que a Igreja pode revogar ou mudar um dos seus mandamentos, enquanto que isso é impossível para os mandamentos de Deus.

“Cometi um crime contra Deus”, confessou-me um homem, “na minha ira pisei uma cruz, reflectindo que se houvesse Deus, Ele não o permitiria. Mas

Deus não tolerou que troçasse d’Ele. Fui ali mesmo atingido de paralisia, que foi a minha salvação”. Depois disse-me o que a esposa podia fazer por ele e como suavizar-lhe o purgatório.

A mulher tinha saído da Igreja católica, mas a minha mensagem causou nela uma profunda impressão. “Só eu e o meu marido sabíamos que ele tinha profanado uma cruz. Nem eu, nem ele, confiamos este assunto a ninguém. Se esta desconhecida pode dizer isto, devo acreditar”. E ela voltou ao seio da Igreja católica.

Um médico veio um dia, queixando-se de que deveria sofrer por ter abreviado a vida dos doentes, ministrando injeções para que não sofressem tanto. Disse que o sofrimento tem para a alma, quando ela o suporta com paciência, um valor infinito; que temos o direito de aliviar os grandes sofrimentos, mas não de encurtar a vida por meios químicos.

## BEM, MAL ADQUIRIDO

Um dia tive uma visita. Já a ouvia rabujar no corredor. Abri a porta para ver. Era um homem que perguntou em tom desdenhoso: “Onde é esta aldrabice de almas

do purgatório?” Respondi-lhe: “Vem passear-te por aqui; não se trata de trapaça de almas do purgatório”. Então, resmungando, foi direito ao assunto: “Foi a si que apareceu o Sr. E.?”

Tinha na minha frente um dos parentes a quem tinha ido anunciar, da parte do sr. E., que eles deviam entregar o bem mal adquirido. Respondi afirmativamente à sua pergunta. Ele começou a barafustar que não era verdade, que aquilo era um truque para extorquir dinheiro, charlatanice... “Que bem mal adquirido devemos devolver?” “

Eu não sei, expliquei-lhe. Apenas recebi a missão de pedir à sua família que restituísse o bem mal adquirido. Qual? Vós deveis saber?” Ele soube então exactamente qual. Apercebi-me, pelos seus propósitos, que a sua fé cristã não ia mais longe; ele barafustou também contra o Papa, a Igreja, a religião. Explicava-lhe tranquilamente o que se passa com tudo isso. Acalmou-se e disse: “Se é assim, tenho de começar de novo uma outra vida. Eu já não tinha confiança em nenhum padre, mas agora tenho de recomeçar a crer em Deus, porque nunca a senhora poderia adivinhar que na nossa propriedade houvesse um bem mal adquirido. Os próprios membros da família, todos eles, não o sabiam”.

Outra vez veio uma mulher: “Tive de sofrer 30 anos no purgatório porque não tinha deixado a minha filha entrar no convento”, confessou. Quando os pais dão um filho a Deus e Deus o chama ao sacerdócio ou à

vida religiosa, se eles se opõem, tem uma grande responsabilidade.

Sei, pelas almas, que muitos jovens são chamados ao sacerdócio, mas os pais não o permitem. Terão de responder por isso.

## A MULHER QUE TINHA O PURGATÓRIO MAIS TERRÍVEL

Um homem escreveu-me uma carta: a esposa tinha morrido há um ano. Desde então todas as noites batiam no seu quarto. Pediu-me se eu não podia lá ir uma vez para ver de que se tratava.

Fui. Disse-lhe que não tinha a certeza de tomar conhecimento de alguma coisa. Talvez a mulher não pudesse ainda anunciar-se. Se fosse o caso, era preciso abandoná-lo à Providência. Dormi nesse quarto. Pelas 23h30 começaram as pancadas: perguntei logo: “Que queres? Que devo fazer?” Não vi ninguém nem recebi resposta. Pensei que esta mulher não pudesse ainda falar. Cerca de cinco minutos depois ouvi um bater de pés impressionante; chegou um grande animal, o que nunca tinha ainda acontecido. Era um hipopótamo. Deitei logo água benta e perguntei: “Como posso ajudar-te?”. Nenhuma resposta; era sinistro. Então veio o demónio sob a forma de uma horrível serpente gigante que apertou o animal ... para o estrangular. Depois, de repente, desapareceu.

Deixei-me tomar por sombrios pensamentos.



Portanto, pensei, esta mulher não deve estar condenada”. Pouco tempo depois veio uma alma sob aparência humana, como vêm sempre ter comigo, e consolou-me: “Não tenhas medo; esta mulher não está condenada, mas sofre o purgatório mais terrível que há.”

Disse-me a causa. Esta mulher tinha vivido uma dúzia de anos em inimizade com uma outra mulher, inimizade de que ela era a causa. A inimiga quis muitas vezes fazer a paz, mas ela recusava; mesmo durante a sua última doença tinha-a afastado com rudeza e morreu assim.

Temos aqui uma prova da severidade com que Deus pune aqueles que se comportam de uma maneira hostil em relação ao próximo, porque essa é uma atitude diametralmente oposta à caridade. Muitas vezes na vida temos querelas, mas é preciso procurar que a situação se componha o mais rapidamente possível. Perdoai o mais rapidamente possível. A caridade sobrepõe-se a tudo, nunca se dirá suficientemente isto. Ela cobre uma multidão de pecados.

## MORTO POR UMA AVALANCHE

Foi em 1954, durante a catástrofe causada por uma avalanche. Um jovem de 20 anos que vivia com a mãe numa casa ao abrigo das avalanches, ouviu durante a noite pedidos de socorro. Levantou-se imediatamente para ir ajudar. A mãe reteve-o: “Os outros também

têm de ajudar algumas vezes, quando descem as avalanches; há demasiado perigo lá fora”. O jovem não se deixou deter e precipitou-se para o local de onde vinham os pedidos de socorro, mas foi ele mesmo engolido no caminho por uma avalanche e morreu.

Logo na segunda noite após a morte veio pedir-me 3 missas por ele. Os familiares espantaram-se que ele pudesse ser libertado tão depressa, porque ele não era muito fervoroso do ponto de vista religioso.

Mas o jovem tinha-me confidenciado que, se Deus tinha sido tão misericordioso para com ele, isso se devia a que tinha morrido ao serviço do próximo, por amor: nunca mais poderia, se tivesse ainda vivido, ter uma morte tão bela.

Nunca nos devemos desencorajar quando acontecem tais acidentes. Nunca sabemos qual é a sua utilidade. Nestes casos, as pessoas dizem que era um bom rapaz ou uma boa rapariga. Conheci muitos bons rapazes e raparigas que depois tomaram o mau caminho. Só Deus sabe em que se tornariam estes bons jovens. Só na eternidade conheceremos a bondade de Deus para conosco.

Uma alma veio um dia recomendar-me: “não te ocupes da primeira alma que vier”. Eu tinha ordens do meu director para me ocupar de todas as almas, por isso perguntei: “Porque não devo ocupar-me dessa alma?” “Porque precisa que suportem por ela tais

sofrimentos que tu não és capaz!”

“Nesse caso, Deus não a deixará vi?”. Fui então tratada com dureza: “Deus verá se tu obedeces ou não”. Quando não conheço a situação e não me sinto segura, invoco o Espírito Santo. Nunca me abandonou.

De repente veio-me a ideia de que poderia ser o demónio. A minha decisão foi pronta. Ordenei-lhe: “Se és o Inimigo, ordeno-te em nome de Jesus, retira-te!” De repente, um grito! A aparição tinha desaparecido. Soube então que era o Inimigo, sob a aparência de uma alma do purgatório.

No dia em que, na nossa terra, há uma missa pelos mortos às 9 horas, a Comunhão é distribuída às 7 horas. Num desses dias dirigi-me à Igreja às 6h45.

Havia, na maior parte das vezes, duas ou três pessoas; mas nesse dia eu estava só. De repente chegou o nosso pároco muito agitado. Na sua pressa nem chegou a fazer a genuflexão, veio direito a mim e declarou energicamente: “Não pode comungar hoje”.

Depois saiu rapidamente, também sem fazer a genuflexão. Não consegui perceber; pus-me a rezar o terço. Pouco antes das 7 horas, o meu director espiritual entrou tranquilamente na igreja. Pensei: “Ele vai-se já embora, visto que eu não posso aproximar-me da mesa da Comunhão e não está mais ninguém”. Mas, ao contrário do que eu esperava, dirigiu-se à sacristia. Olhei à minha volta para ver se

haveria mais alguém. Ninguém!

Dirigi-me à sacristia e perguntei. “Porque não posso receber a comunhão hoje?” “Quem disse isso?” “Mas o senhor disse-me que eu não podia comungar hoje...”

Ele quis saber quando mo tinha dito e eu contei-lhe o que se passara. Tranquilizou-me: “Eu ainda não estive hoje na igreja; era o Inimigo. Vá comungar tranquilamente”.

Conheci em Appenzell uma senhora, Maria Graf, simples mulher de camponês que tinha de vez em quando aparições da Santíssima Virgem e recebia d’Ela mensagens. A sra. Graf veio um dia a minha casa pedir-me conselho. Por um lado, sentia-se na obrigação de dar a conhecer ao mundo essas mensagens, por outro o bispo queria que não dissesse nada.

Perguntei-lhe: “Pode falar com frequência com a Virgem?” Como a resposta foi afirmativa, aconselhei-a a perguntar à Virgem o que devia fazer; Ela sabia bem que o bispo proibia. Perguntou à Virgem e recebeu esta resposta: “Obedece ao bispo. Eu mesma velarei por que as mensagens se difundam”.

Maria Graf obedeceu. Em Appenzell, ninguém ou quase ninguém acreditava nesses favores extraordinários, nem mesmo o marido. Mas não se podem contrariar os planos de Deus. Pouco depois da morte de Maria Graf em 19 de Fevereiro de 1964, houve uma cura extraordinária por sua intervenção. Isso despertou as atenções. Foram a casa do marido pedir-lhe que

visse se ela tinha escrito alguma coisa. Encontraram as suas notas, nas quais a Virgem expressava muitas vezes o desejo de que se recite todos os dias o rosário para a conversão dos pecadores e dizia que ele tem grande poder contra os assaltos do demónio.

Pouco depois de ter sabido disto, recebi duas cartas cujo conteúdo era idêntico: “Em nossa casa passam-se coisas estranhas. Deve ser o diabo a trabalhar”. Pensei: “Vou responder às duas cartas e dizer que rezem todos os dias o terço pela conversão dos pecadores”.

Era o dia 16 de Dezembro de 1964, em pleno dia. Peguei em duas folhas de papel de carta, pulas no meio da mesa com os respectivos envelopes ao lado. Tenho o hábito de começar por escrever o endereço no primeiro envelope. De repente, um silvo estridente. Fiquei com medo. O demónio estava junto de mim. Arrancou-me as duas folhas de papel que arrastou até ao canto da mesa, deixando sobre as folhas uma marca de queimadura. Para mim isto foi uma prova do poder do rosário contra o demónio.

## EXORTAÇÕES FEITAS PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO

Muitas vezes Maria Simma também recebeu das almas exortações e conselhos práticos. Citemos brevemente alguns.

O Santíssimo Sacramento do altar já não é venerado como devia ser. Em muitas das igrejas modernas, o Santíssimo Sacramento já não está no centro da Igreja.

Fazem-se estátuas e quadros que ridicularizam o que deviam representar.

Também é uma falta de humildade e de respeito pedir que recebamos a Santa Comunhão de pé, sem nenhuma genuflexão.

O rosário deve ser mais posto em relevo. A oração do rosário tem um grande poder: Maria é o socorro dos cristãos.

Em todo o lado choco as pessoas quando digo, por ordem das almas do purgatório, que os trajes imodestos como as minissaias, fomentam a imoralidade. E preciso tomar isto a sério: as mulheres têm nisto uma grande responsabilidade.

As almas pedem também que façamos a tempo o nosso testamento. Quantas vezes nascem querelas que se continuam de geração em geração porque, ou não se fez testamento, ou não se fez com justiça.

É preciso que todos contribuam para a vinda do Reino de Deus. Os pais têm uma grande responsabilidade

quando não deixam os filhos trabalhar activamente para esse fim. A juventude toma-se culpada quando, por amor dos seus prazeres, negligencia a prática de uma boa acção.

## CONSTRUÇÃO DE UMA CAPELA

Uma alma do purgatório disse que a Santíssima Virgem desejava que se erigisse uma capela em Sonntag: indicou o local exacto onde se encontrava em tempos um pequeno oratório da Virgem. Este oratório desapareceu aquando da construção de uma estrada. Prometeram reconstruí-lo, mas, como acontece muitas vezes, esqueceram-se. Era precisa uma capela suficientemente grande para lá se poder celebrar missa.

Dei o recado ao meu director espiritual. Ele levou logo a questão a sério, porque sabia que dantes ali existira um oratório o que, pessoalmente, eu ignorava. Sá as pessoas de idade podiam ainda lembrar-se disso.

A construção da capela devia ser assegurada por donativos. Na comuna houve dificuldades. As pessoas não queriam compreender que a capela devesse ser construída lá onde precisamente só havia duas casas e não num local onde havia várias. Por vontade do meu director, perguntei a uma alma se a capela não podia ser construída no lugarejo de Turtsch onde há mais habitantes. Eis a resposta: “Se os habitantes de Turtsch querem uma capela, devem pagá-la eles

mesmos; a capela deles não deve ser paga com os donativos que foram feitos”.

A capela foi então construída no local desejado e isso sobretudo por iniciativa do meu director espiritual, Pe Alphonse Matt. Como não havia ainda no Vorarlberg nenhuma capela em honra de Nossa Senhora dos Pobres de Banneux, a Virgem pediu uma estátua de Banneux nesta capela. O reitor de Banneux trouxe ele mesmo para Sonntag uma estátua que tinha sido benzida em Banneux.

Quando a capela acabou de ser construída, a Mãe de Deus exprimiu, por meio de uma alma, o desejo de que aí colocássemos um quadro representando-a como Mãe de Misericórdia para as almas do purgatório. Mas era preciso que fosse um quadro de uma beleza natural e não uma dessas pinturas retorcidas de arte moderna.

Pedi à Mãe de Deus um bom pintor. Pouco depois chegou um padre polaco, o Pe. Stanislas Skudrzyk S. J., a quem expus o desejo. Disse-me que conhecia em Cracóvia um bom pintor, o professor Adolf Hyla, que seria capaz de fazer um belo quadro. O jesuíta polaco, Pe. Stanislas, habitando em Hamburgo, tomou o assunto a seu cuidado, incluindo a questão financeira e o transporte via Polónia até Sonntag, que decorreu sem incidentes.

Em Maio de 1959, a capela foi benzida; ela tornou-se um lugar de peregrinação e um memorial das almas



do purgatório aberto a todos os peregrinos. A localização deste lugar de graças, por cima da última aldeia do Grosswalsertal, a calma, a vista sobre um vale dos pré-alpes no seio das pradarias alpinas, cheias de perfume das flores e do canto das ciganas, é única. Quem quiser retirar-se para rezar em silêncio em plena natureza, perto de Deus, encontra aí uma pequena célula onde se sente maravilhosamente escondido.

## NOVOS FACTOS

Que um livro atinja em seis anos uma tiragem de 100.000 exemplares; que tenha sido traduzido em cinco línguas, é para o autor, como para o editor, um acontecimento que os enche de satisfação e de reconhecimento para com Deus. Foi também por isso que no dia da Epifania de 1975, convidamos Maria Simma para a nossa casa editora. Nessa ocasião foram relatados novos factos e novas experiências, de que publicamos aqui uma parte. Se este livro é muito procurado, é porque os fiéis sentem uma real necessidade de ser informados sobre os “fins últimos”

Talvez a divina Providência tenha concedido a Maria Simma o carisma com que a favoreceu porque, nos nossos dias, grande número de padres não suportam “a sã doutrina” e já não pregam sobre assuntos como a morte, o julgamento, o Purgatório e a Ressurreição. Quanto mais os cristãos cedem terreno sobre estes pontos da doutrina, mais as práticas ocultas, tais como o espiritismo, a adivinhação, e mesmo o satanismo progridem. No fim desta parte do livro, relatamos uma história em que os nomes das pessoas e dos lugares são conhecidos do editor, e que mostra bem que Deus escolhe sempre os fracos instrumentos para triunfar dos fortes.

Maria Simma, simples e humilde filha do Vorariberg, realiza conversões que infelizmente hoje muitos padres não conseguem obter, oferecendo assim o

critério mais importante que Cristo pôs para o Reino de Deus: “E pelos frutos que os reconhecereis”.

## O FIM JUSTIFICA OS MEIOS?

Uma mulher que ainda vive, diz-nos Maria Simma, veio um dia a minha casa e contou-me o seu desgosto nestes termos: “O meu marido morreu. O meu filho, que gostava muito do pai, agora deixou completamente o bom caminho. Se lhe dissesse que o pai veio ter consigo e contou que tinha de sofrer cruelmente por causa do filho ter tomado o mau caminho, ele converter-se-ia imediatamente, porque não suportaria que o pai tivesse de sofrer por sua causa”.

Disse-lhe: “Peça a Deus que o pai possa vir para me dizer isso”. Ele disse: “Sim, mas mesmo que o pai não venha, pode dizer-lho”. Respondi: “Não, isso seria uma mentira!” Ela acrescentou: “Pois, mas se o filho se convertesse?”

É o mesmo, não se pode fazer uma coisa dessas porque, em tais questões é preciso restringir-nos à estrita verdade. O pai não pode vir, o caso ficou liquidado. Talvez o filho também não se tivesse convertido.

## É PRECISO SER PADRE, MESMO NOS TEMPOS ACTUAIS?

Já chamei a atenção para a grande responsabilidade em que incorrem os pais quando Deus chama ao Seu serviço um dos filhos. “Actualmente, não deixaria o meu filho ser padre”, disse-me um pai de família.

“Ah! E porque não?”

“A senhora conhece bem a situação actual. Há eclesiásticos modernistas que ensinam coisas que já não são católicas. Não quereria entregar o meu filho a tais padres, porque os seus ensinamentos não são conformes àquilo em que cremos”.

“Mas, até que o seu filho seja padre”, respondi-lhe, “passarão ainda doze ou treze anos. Até lá, teremos de novo outro tempo, tenho a certeza, porque estes períodos de decadência não duram. Em todos os concílios houve perturbações. E este concílio foi mais importante que todos os outros. Mas o concílio não é responsável desta grande perturbação. A falta principal pertence àqueles que já não obedecem ao Papa. E, infelizmente, há entre eles até cardeais, bispos e padres”.

## TRANSPIREI DE ANGÚSTIA

Uma senhora chamou-me para ter comigo uma conversa. Perguntou-me: “Virão almas a sua casa esta noite?” “Não sei. Nunca sei com antecedência”,

respondi. Então pedi: “Concordaria em dormir no nosso quarto se outros hóspedes da casa de repouso estivessem presentes, porque eles também gostariam muito de poder ouvir alguma coisa?”

Como havia lá dois cardíacos, recusei. Cedendo a novas instâncias concordei dormir ao lado, deixando a porta entreaberta. Pensei: “Se Deus não o permitir, nenhum de vós ouvirá nada”. No dia seguinte de manhã, notei que a dona da casa parecia muito séria e muito mudada. Quando lhe perguntei se ela não estava bem, recebi esta resposta: “Não, não tenho nada, mas preciso de lhe fazer uma pergunta: esteve aqui alguma alma nesta noite?” “Sim, porquê?”

Retorquiu: “Essa alma rezou um Pai Nosso?” Pensei que ela não podia tê-lo ouvido e não respondi. Então ela confessou-me com voz trêmula: “Eu ouvi rezar um Pai Nosso que ressoava como vindo de uma profunda caverna!” Fiquei muito espantada: “Bem, é a primeira pessoa que ouviu falar uma alma do purgatório, quando ela estava comigo”. Detalhe interessante: ela ouviu a voz como se saísse de uma caverna, enquanto que eu tive a impressão de que rezava o Pai Nosso, normalmente, comigo. Quanto a mim rezei em voz baixa para não incomodar as pessoas que dormiam ao lado. “Transpirei de angústia”, concluiu a mulher, “e senti-me feliz por não ter dormido no nosso quarto”.

## UMA FREIRA E PROFESSORA TIROLESA, CHEIA DE HUMOR

Conheci, no Tirol, uma professora, uma grande Irmã. Adoeceu e suportava o sofrimento com paciência. Um ano depois ouvi dizer que estava no sanatório. Decidi ir visitá-la. Logo que cheguei disse-me: “Porque é que o bom Deus não me atende nunca? Têm tanta necessidade de mim para dar aulas!”

“É verdade irmã, tentei dizer-lhe para a consolar, mas pense que o sofrimento é a maior prova de amor que Deus nos dá”.

Ao que ela replicou com humor: “Eu concordaria que, por um certo tempo, Ele me amasse um pouco menos!”

## RECEBER A COMUNHÃO EM MÃOS NÃO CONSAGRADAS

Veio a minha casa um padre pedir-me: “Reza por mim, suporto grandes sofrimentos”. E desapareceu sem poder dizer mais. Em seguida, uma outra alma do purgatório esclareceu-me sobre este caso. “Ele tem muito para sofrer porque introduziu a comunhão na mão e mandou retirar as mesas da comunhão. O que se podia fazer de mais eficaz para o aliviar, seria repor as mesas que ele mandou tirar, e que aqueles que ele levou a comungar na mão deixassem de o fazer”. Disse isso ao seu Deão que se mostrou compreensivo

e me respondeu: “Eu não introduzi a comunhão na mão. Quanto às mesas de comunhão, tudo o que posso fazer é tentar obter que se conformem com esse desejo; mas, nesse ponto, devo deixar a decisão ao cura local”.

Já por duas vezes veio um padre queixar-se. No terceiro encontro queixou-se de ter de sofrer duramente porque retirou a mesa da comunhão da igreja e forçou o povo a comungar de pé. Vemos que há aqui algo que não está certo. O Papa permitiu que se receba a comunhão de pé, mas quem quiser recebê-la de joelhos deve ter a possibilidade de comungar ajoelhado à mesa da comunhão. E isto que o papa quer e nós podemos pedi-lo a todos os padres. Se um padre ou um bispo soubesse em que responsabilidade incorre ao introduzir a comunhão na mão, não haveria mais comunhão dada ou recebida na mão.

Eis agora um assunto com que me confrontam em todo o lado. O assunto é claro, mas nesta época moderna, os mandamentos de Deus não se deixam modernizar. Estes mandamentos são uma parte integrante do ensino da religião. Rejeitemos então esse “catecismo holandês” que põe em questão ou passa em silêncio importantes verdades da fé e compremos o antigo catecismo, como na Suíça, onde se imprimam milhares, para que se possa de novo ensinar as crianças de modo justo e seguro. Se o padre ou os catequistas o não fazem, que o façam os pais.

## SANTIFICARÁS O DOMINGO

Uma alma ordenou-me que mencionasse sempre, no decurso das minhas conferências, a santificação do domingo, dizendo que se falta gravemente por trabalhos que não são necessários ou que não se devem mesmo executar ao domingo.

Depois a missa de domingo e não a de sábado à tarde! Se os jovens querem fazer uma excursão que assistam à missa de sábado, mas não por sistema. Não deve tomar-se um hábito.

As almas do Purgatório dizem que o rito latino da missa deve manter-se ao lado do rito em língua vernácula, para que os fiéis que falam outras línguas possam também participar com piedade no sacrifício da missa. É o que também deseja o Papa.

## IGREJAS MODERNAS

Já me perguntaram: “Também já soube alguma coisa acerca das igrejas modernas?” Sim, as almas do Purgatório também dizem o que está certo e o que não está. Já houve pessoas que me repreenderam por ser contra as igrejas modernas. Não é verdade. Não sou contra as igrejas modernas que não impedem a devoção, mas se essas igrejas são ornadas de pinturas ou de estátuas diante das quais se tem medo, porque são feias e repulsivas, isso é obra do diabo e não de Deus! Isto tem de ser dito.



O que eu vi, por exemplo, na igreja do Rosário, em Viena-Hitzendorf, é uma zombaria e uma vergonha, uma abominação para uma casa de Deus. Perguntei quem tinha feito esta igreja e soube que foi um elemento da maçonaria. O aspecto da Igreja é a consequência disso. Os quadros do pintor Ernest Fuchs são realmente uma ofensa a Deus.

Em Linz, no Alto Tirol, vi uma igreja moderna que me agradou. Porque não se faz assim? O sacrário com o Santíssimo Sacramento, está onde convém: no centro. Dos dois lados há mesas de comunhão. Quem quer comungar de joelhos pode fazê-lo, quem preferir ficar em pé também pode porque ao meio há um espaço livre entre as duas mesas santas.

Também tem uma bela estátua da Virgem. As pessoas vêm de longe pois muitos não vão à sua igreja paroquial que foi desfigurada. Os iconoclastas modernos deitaram fora tudo o que dava ao edifício um aspecto sacro. Em duas igrejas católicas não encontrei pias de água benta. Perguntei porquê. Responderam-me que o vigário tinha dito que isso era uma moda estúpida. Ao que repliquei: “esse, terá um dia uma moda estúpida no Purgatório”.

## NÃO SE PODE ESCAPAR À CONFISSÃO DOS PECADOS

Em muitos lugares também se abandonou a confissão. Ora a confissão é um sacramento que Cristo instituiu,

e não a Igreja, como muitos pretendem. Porque Cristo disse: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles a quem os retiverdes serão retidos” (Jo 20, 23). Portanto os pecados devem ser confessados; sem isso como pode o padre decidir se deve ou não os perdoar?

Disseram-me um dia: “Mas Cristo não disse que devíamos ir ao confessional”. Respondi: “Não, isso Cristo não disse. Se preferirdes podeis dizer os vossos pecados ao padre, em público, diante de todos, e arrepender-vos, e o padre pode depois também dar-vos a absolvição fora do confessional. Mas os vossos pecados devem ser confessados”.

Aqui e acolá, tenta-se esvaziar a confissão em proveito de cerimónias. Nessas paróquias o número de confissões diminui de repente. É um desvio. Roma (tal como também os bispos da Áustria) explicou com toda a clareza que, numa cerimónia penitencial, não é possível nenhuma absolvição sacramental por faltas graves. Uma cerimónia penitencial não se pode nunca substituir a confissão individual.

Em muitos locais, não se quer admitir a confissão antes da primeira comunhão. Isto não está certo. Já por duas vezes o Papa declarou que a primeira confissão deve preceder a primeira comunhão. Infelizmente muitos padres não obedecem ao Papa, o que se pagará.

As almas do Purgatório constantemente insistem neste

ponto: é preciso rezar pelo Santo Padre que está em Roma. Devemos unir-nos fortemente em volta do Papa e agir segundo a sua consciência.

Em Ulm, encontrei crianças de 15 anos que ainda nunca se confessaram. Perguntei-lhes o motivo e responderam: “Antes da primeira comunhão não devíamos ir à confissão, mas no sexto ano podíamos ir”. Comentamos uns com os outros: “Tens pecados diferentes dos de então? — Não, apenas zombei e desobedei. — Bem! Pensamos nós. Ou nos devíamos ter confessado antes da primeira comunhão, ou agora também não é necessário’. E não nos confessamos”.

A primeira confissão, antes da primeira comunhão é também muito importante para a formação da consciência!

## QUEM GANHOU?

Um fabricante do sul da Alemanha convidou-me para fazer uma conferência. Quando cheguei disse-me: “Há um ano fez uma conferência numa localidade dos arredores. Por acaso deparei com um anúncio da sua conferência e pensei: “Então ainda há coisas destas? Tais histórias? Veio-me logo a ideia de que, não tendo no momento nada de especial em vista, poderia ir ouvir esta ‘brincadeira’. Fui e sentei-me ao fundo da sala. A hora da graça ia soar para mim, e num momento em que eu não esperava. Foi quando a senhora disse: ‘Enquanto o homem viver nunca é

demasiado tarde; ele pode formar-se e até reformar-se. Desenvolvendo um grande zelo, pode recuperar o que anteriormente negligenciou'. Durante vários anos, não tinha posto a pés numa igreja, e eis que agora o amor de Deus me tomou e transformou a minha vida. A minha decisão foi firme: é preciso que esta mulher venha à nossa cidade fazer uma conferência e serei eu a organizá-la.”

Não podia procurar o seu pároco porque sabia que ele era contra tais coisas. Voltou-se, portanto, para a autoridade civil que lhe concedeu o uso da sala municipal pelo montante de 300 marcos. Apenas o nosso homem afixou anúncios da conferência, recebeu do pároco um telefonema: “O que está a fazer sem a minha permissão?” O fabricante respondeu-lhe: “Penso que ainda temos liberdade de palavra e de consciência. De resto, não se preocupe porque não perderei nenhuma alma.”

O ataque é a melhor defesa, pensou o cura, e ameaçou: “Publicarei imediatamente no jornal, que ninguém assista a essa conferência”.

“Sim, concedeu calmamente o fabricante, pode fazê-lo e eu pedirei aos anjos da guarda de toda a cidade que me ajudem e veremos quem ganha”.

O cura escreveu um artigo, mas o seu artigo chegou uma hora mais tarde. Apareceu, portanto, exactamente ... um dia mais tarde. Eu tinha feito a minha conferência na véspera à noite na sala municipal! A

sala estava repleta. Felizmente, uma instalação excelente de alto-falantes, permitia ouvir não só no interior, mas ainda no exterior onde se encontravam autocarros vindos de algures e cujo ocupantes puderam seguir perfeitamente a minha exposição.

No dia seguinte, quando as pessoas leram o apelo do cura no jornal, muitos devem ter rido. Alguns deram ao cura o conselho de assistir primeiro a uma conferência antes de se comprometer assim com a imprensa.

## PURGATÓRIO E ORAÇÃO PELOS DEFUNTOS (John O' Brien)

### **Porque rezar pelos defuntos?**

Porque rezam os católicos pelos mortos? É uma pergunta que fazem muitas vezes os não católicos. Como o costume de rezar pelos defuntos se baseia na crença no Purgatório, suprimida pelos reformadores do séc XVI e é praticamente desconhecido pelos seus discípulos actuais, estes têm naturalmente dificuldade em saber como devem compreender o costume católico de rezar pelos irmãos defuntos. A Igreja mostra aos seus filhos este exercício de piedade, permitindo a todos os sacerdotes que celebrem três missas pelos defuntos em 2 de Novembro. E também consagra o mês de Novembro inteiro a orações especiais pelas almas do Purgatório.

Convidamos os nossos leitores não católicos a examinarem connosco como esses exercícios de piedade pelos defuntos se fundamentam na Sagrada Escritura, na Tradição e na razão.

### **Purgatório e oração pelos mortos**

A Sagrada Escritura convida-nos, durante a nossa vida, a recorrermos à intercessão dos santos e dos anjos e a orarmos uns pelos outros, não só pelos vivos, mas também pelas almas dos nossos irmãos defuntos.

Conta o segundo Livro de Macabeus que Judas, vencedor de Górgias, com os seus companheiros, enterrou os judeus caídos em combate e fez, entre todos os seus homens, uma colecta que rendeu 2000 dracmas de prata. Enviou esta soma para Jerusalém para oferecer um sacrifício pelos pecados deles. Não considerava graves os pecados deles porque, diz o texto, “ele pensava que, àqueles que tinham adormecido piedosamente, estava reservada a mais bela recompensa”. O autor sagrado tira o ensinamento contido nesta atitude: “Santo e piedoso pensamento! Ele ofereceu esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido; a fim de que fossem absolvidos do seu pecado” (2Mc 12, 43-46).

Embora os nossos irmãos separados não considerem como inspirados os livros dos Macabeus, devem pelo menos admitir que são documentos históricos autênticos que atestam a fé dos judeus dois séculos antes de Jesus Cristo. Com efeito, assentam na mesma autoridade que Isaías, S. João e os outros livros sagrados: o ensinamento infalível da Igreja que declara inspirados os livros da Bíblia.

O nosso Salvador fala do perdão dos pecados “no mundo que há-de vir” (Mt 12, 32). Segundo Santo Agostinho e S. Gregório o grande, esta passagem refere-se ao Purgatório.

Na epístola aos coríntios, S. Paulo escreve: “... a obra de cada um será posta em evidência. O Dia tomá-la-á conhecida pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo

provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento subsistir (quer dizer, se as obras de alguém são boas), o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada (quer dizer, se as suas obras são defeituosas e imperfeitas), perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo.”(1Cor 3, 13-15).

Por estas palavras S. Paulo diz-nos que a alma deste homem será no fim salva, embora tenha de sujeitar-se, por algum tempo, às chamas do fogo purificador (purgatório).

É esta a exegese unânime dos primeiros Padres da Igreja; é esta a tradição constante de séculos, que nos fala dos túmulos dos mártires e das catacumbas onde estão sepultados os corpos dos primeiros cristãos. O autor viu, nas catacumbas de S. Calisto, às portas de Roma, muitas inscrições que eram um eco das últimas palavras dos cristãos moribundos: “Nas vossas orações pensai em nós que vos precedemos”; “Que a luz eterna brilhe sobre ti em Cristo”, era a resposta — e a oração — dos sobreviventes. Encontramos também estas inscrições nos monumentos funerários de numerosos cristãos dos três primeiros séculos.

Citam-se frequentemente os Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente a propósito do costume de orar pelos defuntos. Tertuliano (+ 160, +240) fala em duas passagens diferentes, das missas de aniversário: “Nós



oferecemos todos os anos, em dia determinado, o sacrifício pelos mortos como pelo dia do seu nascimento” e “A viúva crente reza pela alma do seu esposo, reza por ele que está no repouso esperando, para que tenha parte na primeira ressurreição, e oferece por ele as suas orações no aniversário da sua morte”.

Na sua oração fúnebre pelo imperador Teodósio, S. Ambrósio, bispo de Milão, diz: “Dá ao Teu servo Teodósio o repouso perfeito, esse repouso que Tu preparaste para os santos... Eu amei-o; por isso quero segui-lo na terra dos vivos. Não o abandonarei até que o chame na santa Montanha de Deus”.

Um dos relatos mais tocantes que nos foram transmitidos sobre este assunto nos escritos dos Padres da Igreja, vem-nos de S. Agostinho, no princípio do séc V. O sábio bispo conta que sua mãe, chegada a hora da morte, lhe fez este último pedido: “Sepulta o meu corpo em qualquer lugar, não importa onde; não te preocupes com ele. Mas peço-te somente que, onde quer que estejas, te lembres de mim no altar do Senhor”.

A lembrança deste pedido inspirou ao filho esta ardente prece: “Por isso Te imploro, ó Deus do meu coração, pelos pecados da minha mãe. Que ela repouse em paz com o seu marido... E inspira, Senhor, aos teus servos meus irmãos, que eu sirvo pela palavra, pelo coração e pela escrita, a todos os que

lerem estas linhas, que lembrem no Teu altar, a Tua serva Mónica”. Encontramos aqui o eco do uso geral na Igreja primitiva, de rezar pelos defuntos e da crença num estado chamado purgatório (fogo purificador).

O hábito de oferecer orações e sacrifícios pela alma dos parentes defuntos estava já profundamente enraizado no antigo judaísmo. Conservou-se até aos nossos dias apesar das migrações e da dispersão por todo o mundo. Há alguns anos, o autor viu um grande número de judeus rezar pelos seus defuntos em Jerusalém, no muro das lamentações.

Um livro de orações, de uso generalizado entre os judeus da América, contem a seguinte fórmula de oração para as cerimónias fúnebres: “Irmão desaparecido, possas tu encontrar as portas do céu abertas e ver a cidade da paz e o lugar de delícias da segurança; que os anjos venham apressadamente ao teu encontro para te servir; que o Sumo Sacerdote se apreste a acolher-te. Vai até ao fim; repousa em paz e ressuscita para a vida. Que a estadia no lugar de delícias do céu seja o quinhão, a morada e o lugar de repouso da alma do nosso irmão defunto; que o Espírito do Senhor o conduza ao paraíso, a este irmão que saiu deste mundo por vontade de Deus, Senhor do céu e da terra. Que o grande Rei dos Reis, na Sua misericórdia infinita, o esconda à sombra das suas asas. Que o desperte no fim dos seus dias e o sacie na torrente das Suas delícias”.

De facto, nota o padre B. L. Conway, é singular que os reformistas tenham afastado tão unanimemente, uma tal quantidade de testemunhos sobre o Purgatório e a intercessão pelos mortos, contida na Sagrada Escritura e na Tradição. Mas, no Evangelho de Cristo os ensinamentos estão tão ligados uns aos outros que a negação de um dogma fundamental acarreta logicamente a de muitos outros.

A opinião errónea de Lutero a respeito da justificação pela fé, levou-o a negar a diferença entre pecado mortal e pecado venial (quanto aos castigos temporais), a necessidade de boas obras, a eficácia das indulgências e a utilidade da oração pelos mortos. Se os pecados são não perdoados, mas simplesmente “cobertos”; se o “homem novo” do Evangelho é o Cristo que imputa a Sua justiça ao homem pecador, seria de facto insensato “rezar pelos mortos para que sejam libertados dos seus pecados”.

A negação do Purgatório por Lutero tem como consequência, ou a doutrina que ensina que a maior parte dos cristãos piedosos são condenados (o que até certo ponto explica a negação moderna da eternidade das penas), ou a suposição que garante que Deus, no momento da morte, purifica a alma por uma súbita mudança mágica.

Embora a palavra “purgatório” não se encontre na Sagrada Escritura, o Antigo e o Novo Testamento, como os escritos dos Padres da Igreja do Oriente e do

Ocidente, fazem alusão à realidade que ele designa simbolicamente, uma vez que a crença na eficácia da oração pelos mortos não teria nem sentido, nem significado se o Purgatório não existisse.

### **A razão exige o Purgatório**

À falta de provas que nos dão a Sagrada Escritura e a Tradição, a razão faria por si só supor a existência de um estado intermediário entre o céu e o inferno; até a exigiria. Do facto de “nada sujo poder entrar no céu”, resulta que uma alma que sai desta vida com um pecado venial, ou uma pena não expiada, não poderia entrar no céu. Também não poderia, em justiça, ser enviada para um inferno que dura para sempre, porque não haveria nenhuma proporção entre uma tal punição e a falta cometida.

É provável que um número muito grande de seres humanos morram com faltas veniais. Eles não são dignos de entrar imediatamente no céu, mas não podem também, em justiça, ser condenados ao inferno. Deve, portanto, haver um outro estado em que a pena é proporcional à falta. É o que reclama a simples razão. Esse estado, que a própria razão exige, é o Purgatório onde as almas são purificadas das suas imperfeições e assim preparadas para aceder à sublime presença do seu Criador e Senhor, à felicidade inexprimível do céu.

Não só o hábito de rezar pelos defuntos está em

harmonia com a Sagrada Escritura, mas também o nosso instinto natural nos impele a isso. A doutrina da comunhão dos santos sublinha a solidariedade social e espiritual do género humano, ensinando-nos claramente de que maneira podemos ajudar-nos uns aos outros nas nossas necessidades. Ela contribui muito para tirar à morte o seu carácter aterrador.

Negando esta doutrina, os reformadores do séc. XVI, não só violaram a Sagrada Escritura e a uma tradição ininterrupta de quinze séculos na Igreja Cristã, mas também violentaram e perturbaram o nosso instinto natural e os desejos do nosso coração. Cortaram as ternas ligações que unem a terra com o céu, a alma na carne com a alma liberta do seu invólucro terrestre.

Se posso rezar pelo meu irmão enquanto está na terra, porque não posso rezar por ele quando franqueou o limiar da eternidade? Ao destruir o corpo, a morte não deixa a alma intacta? Esta alma não continua, portanto, a viver, a pensar, a recordar, a amar? Porque motivo terrestre não deveria eu pensar no meu irmão e continuar a provar-lhe o meu amor, não por lágrimas inúteis, mas pelo meio muito eficaz da minha oração por ele? Onde encontraríamos um cristão que pudesse ficar de pé, junto da tumba aberta a que vê descer o cadáver de um ser amado ao lugar do seu último repouso, sem levantar ao céu os olhos vermelhos de lágrimas e fazer esta oração: “Ó Deus, tem piedade da alma do meu querido defunto”.

Apesar do silêncio da sua religião acerca da eficácia das orações pelos mortos, o protestante presta atenção à voz do seu coração e à da linguagem universal do amor e da simpatia que todos os homens entendem. Dos lábios mudos do seu amigo defunto, ouviu esta mesma súplica que Job, na sua infelicidade, dirigia aos amigos: “Tende piedade de mim, tende piedade de mim, ao menos vós, que sois meus amigos, porque a mão do Senhor me feriu”. O facto de nenhum ouvido ficar surdo a um tal pedido é a prova de que o coração humano não deixou que o preconceito religioso lhe arrancasse o amor e a simpatia. Das almas que passaram o limiar da morte, entraram na eternidade, e do Purgatório nos pedem que as lembremos nas nossas orações, nós podemos dizer com toda a verdade: “Já não podemos tocá-las com as nossas mãos, os nossos olhos não poderia vê-las, mas, graças a Deus, o nosso amor e as nossas orações podem sempre alcançá-las”.

Após cerca de 50 anos de experiência no ministério pastoral, o cardeal Gibbons conta um facto que nos esclarece sobre este ponto: “Vi uma jovem atarefar-se, cheia de bondade, à volta de um pai doente, ternamente amado. Durante longos dias cheios de angústia e noites sem sono, ela velou junto do leito do doente, humedecendo-lhe os lábios secos, refrescando-lhe a testa ardente, ajeitando-lhe na almofada a cabeça que descaía. Toda a melhora e agravamento do estado do doente eram para o seu coração um raio de sol ou uma sombria nuvem de

tristeza. O amor filial era o grande impulsionador de toda a sua actividade.

O pai morreu; ela acompanhou ao cemitério o seu despojo mortal. Não era católica; mas enquanto ali estava de pé junto do caixão, rompendo as cadeias com que um cruel preconceito religioso tinha fechado o seu coração, ela elevou-se acima da sua seita e gritou: “Senhor, tem piedade da sua alma!” Era a voz da natureza e da religião.

Tennyson reflecte também a tradição cristã e o desejo natural do coração do homem, quando põe na boca do seu herói, o rei Artur moribundo, estas palavras dirigidas ao seu irmão de armas que lhe sobreviveu: “Vivi; o que fiz, que Ele o torne puro pela Sua bondade. Mas tu, se nunca mais vires o meu rosto, reza por mim. A oração pode fazer mais que o sonho deste mundo. Por isso, noite e dia, faz subir a voz como uma nascente”.

### **Um ensinamento que nos convém**

Quando John Stoddart, depois de ter gozado a segura luz da verdade religiosa, tateava nas brumas da dúvida, recebeu de um amigo católico uma carta que lhe chamou a atenção para a beleza do ensinamento da Igreja e sua harmonia com a razão. Esta carta, que Stoddart dizia ter sido para si uma fonte de luz e de reconforto, apresenta a questão do Purgatório com uma admirável clareza: “Não há nenhum sistema

religioso da antiguidade onde não se encontre algo de semelhante (ao Purgatório). Estava reservada aos reformadores do séc XVI a rejeição deste antigo dogma da Igreja. Quando eles negaram a santidade da missa e de numerosos outros caracteres sacramentais do catolicismo, desapareceu também a doutrina do Purgatório. Se as almas dos mortos passam imediata e eternamente, a um estado sem mudança que não está ao alcance da nossa intercessão, todas as nossas relíquias, as nossas orações, todas as nossas outras práticas análogas são vãs. Mas se cremos na comunhão dos santos, quer dizer, na união entre a tripla Igreja: militante desta terra, sofredora do Purgatório e triunfante do Céu, então podemos ter influência sobre as almas que já franquearam o limiar e elas podem tê-la sobre nós.

São muito raros os que deixam esta vida num perfeito estado de graça que lhes assegure a entrada imediata no céu. E esperamos que mais raras ainda sejam aquelas a quem o bendito refúgio do Purgatório está vedado. Não consigo imaginar como os protestantes podem acreditar naquilo. Não é de espantar que a negação do Purgatório tenha tido como consequência, para muitos, deixarem de acreditar no inferno. Esta doutrina é portanto, em si mesma, monstruosa.

Todos os dogmas católicos são dependentes uns dos outros: aguentam ou caem todos juntos. Não se pode retirar uma pedra a uma abóbada, sem que ela desmorone. O Purgatório é uma das ideias mais hu-



manas e mais belas que se possam conceber. Quantos corações aflitos de mães ela acalmou e consolou, dando-lhes esperança para um filho desencaminhado!”

Depois da conversão Stoddart escreveu a história das suas divagações religiosas no livro “Rebuilding a lost Faith” (Reedificação de uma fé perdida). Nele expõe, nos seguintes termos, a conformidade deste ensinamento que tanto lhe agradava com as exigências da razão: “A doutrina da Igreja católica sobre o Purgatório, ensina que há um lugar em que as almas sofrem durante um certo tempo, antes de serem admitidas às alegrias do céu, porque devem purificar-se de certos pecados veniais, fraquezas e faltas ou porque têm ainda de expiar, pelos pecados mortais, penas temporais que ainda não expiaram, embora a pena eterna lhes tenha sido perdoada pela expiação de Cristo. De resto, a Igreja declara que pelas nossas orações e pelo santo sacrificio da missa, podemos sempre, graças aos méritos de Jesus Cristo, ajudar estas almas. Neste ponto pára o dogma definido pela Igreja. Não é artigo de fé que haja um fogo material no Purgatório.

Crê-se, geralmente, que as almas sofrem aí tormentos espirituais porque sentem, com uma intensidade que nunca teria podido existir na terra, de que perfeitas felicidades estão excluídas por algum tempo, ao mesmo tempo que têm de reconhecer a monstruosidade dos pecados que cometeram contra o Pai Celeste e seu Salvador”. -

Encontrei muitos protestantes que, embora a doutrina do Purgatório não exista na fé que professam, confessam que pensam muitas vezes nos seus queridos defuntos quando oram. Lembro-me de uma protestante piedosa que dizia que rezava todos os dias pelo filho, morto num acidente de viação alguns dias depois de terminar os seus estudos universitários. Embora ela nunca tenha lido uma única linha de Santo Agostinho, pelo desejo irresistível do seu coração e por um instinto enraizado da sua natureza humana, conhecia o ensinamento dele dizendo que “muitos daqueles que deixaram esta vida não são nem bastante maus para serem indignos de misericórdia, nem suficientemente bons para terem imediatamente direito à bem-aventurança”.

Em número crescente, os irmãos separados reconhecem quanto é razoável e autêntica a doutrina do purgatório, à luz do ensinamento de Cristo e dos Seus apóstolos.

Mallock faz notar com razão: “Reconhece-se facilmente que é a única doutrina que concilia, pelo menos até certo ponto, a fé numa recompensa futura e numa punição futura com a nossa maneira de ver acerca do que é bom e razoável. Longe de ser uma superstição supérflua, vê-se que é uma exigência da razão e da moral; e uma fé no Purgatório não é apenas uma afirmação da razão, mas uma parte harmoniosa de todo o ideal moral”.

A doutrina do Purgatório responde às exigências da razão; está em harmonia com os desejos instintivos da nossa natureza; transmite-nos o ensinamento de Cristo e Seus apóstolos.

“A obra de cada um será posta em evidência. O Dia tomá-la-á conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um” (1 Cor3, 13).

### **O patrono das almas do Purgatório**

Além do arcanjo 5. Miguel, o patrono das almas do purgatório é santo Odilão (962-1048) que, na juventude, renunciou a uma grande fortuna para se fazer monge. Abade de Cluny, ele foi o grande reformador e organizador do monaquismo da sua época. “Prefiro que Deus me julgue por demasiada bondade do que por demasiada severidade”, era o princípio que ele proclamava.

Durante a grande fome de 1016, mandou distribuir todas as provisões do convento; chegou a vender objectos de culto para poder dar pão. Tinha o hábito de dizer: “Se Cristo verteu o Seu sangue por nós, pobres pecadores, não devemos guardar nada para nós quando há pobres”.

Tinha um amor muito especial pela Igreja Sofredora. A ele devemos a introdução da Comemoração dos Fiéis Defuntos (2 de Novembro).

Santa Brígida, nobre dama sueca, falecida em Roma em 1373, escreveu. “Assim como quem tem fome fica feliz por comer, quem tem sede feliz de beber, quem está nú se alegra por ter roupa e quem está doente por ter um leito onde se possa deitar, também as almas do Purgatório ficam felizes com o bem que fazemos por elas neste mundo e do qual elas aproveitam”.

Considerando que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo e fundamentando-se nas sagradas Escrituras e na antiga tradição dos Padres nos concílios — incluído o recente Concílio ecuménico — ensina que o Purgatório existe e que as almas que aí estão retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e muito especialmente pelo Santo Sacrifício da Missa, o santo Concílio prescreve aos bispos que velem por que a sã doutrina do Purgatório, recebida dos Padres da Igreja e dos Concílios, seja acreditada, professada e afirmada pelos fiéis e que lhes seja pregada com zelo (Concílio de Trento, Sessão VI. Cf Denzinger 983).

Se alguém disser que, depois de ter recebido a graça da justificação, a falta e a pena são remidas ao pecador arrependido a tal ponto que não lhe fica nenhuma pena temporal neste mundo ou no Purgatório, no outro mundo, antes que lhe seja concedida a entrada no Reino dos céus, que seja anátema (Concilio de Trento, Sessão VI. Cf Denzinger 840).

## **Aparições de almas do Purgatório a Santos**

Limitamo-nos a citar alguns exemplos, para provar que também santos ilustres tiveram aparições de almas do Purgatório.

Santa Margarida Maria Alacoque (1647 — 1690) escreveu na sua autobiografia (edição de 1920, pg 98): “Estava diante do Santíssimo Sacramento e, de repente, apareceu à minha frente uma pessoa toda em fogo. O seu estado lamentável fez-me compreender claramente que se encontrava no purgatório e verti abundantes lágrimas. Disse-me que era a alma do monge beneditino que tinha ouvido a minha confissão e me tinha permitido ir comungar. Por esse motivo Deus tinha-lhe concedido o favor de poder dirigir-se-me, para que lhe adoçasse a pena. Pediu-me que oferecesse por ele, durante três meses todas as minhas obras e o meu sofrimento. No fim de três meses, vi-o inundado de alegria e de esplendor: ia gozar a felicidade eterna. Agradeceu-me dizendo que velaria por mim junto de Deus”.

S. João Bosco (1815 — 1888) perdeu em 1839 o seu mais íntimo amigo de infância, Luigi Comollo.

“Os dois amigos tinha feito a recíproca promessa, um pouco temerária, de que o primeiro que morresse viria descansar o sobrevivente sobre a sua sorte no outro mundo.

Na noite seguinte ao enterro de Luigi, sentiu-se no dormitório ocupado por vinte seminaristas, um

estrondo impressionante. Brilhavam relâmpagos de fogo e depois extinguíam-se. A casa tremia. Uma voz gritou: “Estou salvo!” Os seminaristas ficaram apavorados e nenhum ousou mexer-se até despontar a aurora. Uma história incrível! Mas houve testemunhas que o viram pessoalmente” von Matt, Don Bosco, p.p. 64-65 NZN—Verlag, Zurique.

A grande Santa Gertrudes, abadessa de Hefia, autora da célebre obra “O arauto do amor divino”, falecida por volta de 1302, viu um dia a alma de um religioso defunto que lhe fez compreender, por gestos, que continuava afastada do seu divino Esposo. Gertrudes perguntou-lhe a causa. Respondeu esta alma: *“É que não estou ainda perfeitamente purificada das manchas deixadas pelos meus pecados. Se Ele me concedesse que entrasse livremente no céu, neste estado, eu não consentiria porque, por muito brilhante que pareça aos teus olhos, sei que ainda não sou uma esposa digna do meu Mestre”*.

Santa Cristina da Bélgica, pastora de Saint Trond, na diocese de Liege, foi chamada também Cristina a Admirável, tantas coisas admiráveis se contam dela, coisas admiráveis que aconteceram durante a sua vida e que as testemunhas atestam. Numa visão foi-lhe concedido contemplar o Céu e o Purgatório. Ela ouviu uma voz dizer-lhe: *“Cristina, tu estás na felicidade do Céu. Dou-te liberdade de escolher: ou morar desde hoje entre os eleitos, ou voltar alguns anos à terra para, por boas obras, ajudares as almas do*

*Purgatório. Se escolheres a primeira alternativa ficas em segurança e não tens mais nada a temer; no outro caso voltas à terra para sofrer um verdadeiro martírio a fim de ajudares os infelizes e embelezares a tua coroa...”*

Cristina respondeu: “Senhor, deixa-me voltar e sofrer pelos defuntos; não tenho medo de nenhuma dor, de nenhuma amargura”. E ela realizou obras expiatórias extraordinárias pelas almas do Purgatório. Muitas de entre elas, entre outras a do conde Luís de Léon, apareceram-lhe em reconhecimento por tê-las libertado do purgatório.

Santa Perpétua de Cartago. No ano 202, Santa Perpétua foi atirada para a prisão em Cartago. Rezava no cárcere com quatro outros cristãos quando ouviu uma voz pronunciar o nome de Dinocrato, seu irmão defunto, em quem não tinha voltado a pensar depois da sua morte. O rapaz tinha falecido com a idade de sete anos por causa de um tumor canceroso da face. *“Chorei, conta ela, com a recordação da sua morte e compreendi que devia rezar por ele. Foi o que fiz. Na noite seguinte, tive esta visão: na minha prisão vi Dinocrato sair de um local obscuro onde se encontravam também outras pessoas. Estava afogueado, sem fôlego, e coberto de poeira. O seu rosto era macilento, poeirento e ainda sangrava da chaga que lhe tinha causado a morte: uma horrível chaga cancerosa que lhe roera as bochechas a tal ponto que o seu cadáver era uma visão medonha... Havia entre*

*nós dois uma grande distância que me impedia de ir ter com ele. Perto dele estava um tanque cheio de água, mas o bordo era demasiado alto para que ele conseguisse beber, mesmo pondo-se em bicos de pés. Emocionada por ele não poder beber, acordei e compreendi que o meu irmão ainda sofria; mas esperava poder dar-lhe alívio. Rezei por ele o tempo todo, até nos levarem para a prisão do campo, porque estávamos destinados aos jogos que deviam ser dados em honra do imperador Gete. Continuei a rezar e a suplicar noite e dia. No dia em que fomos vergastados, tive uma outra visão. O lugar escuro onde antes tinha visto Dinocrato, vi-o iluminado. O rapazinho estava vestido com um belo fato, o corpo limpo e lavado de fresco. A chaga do rosto estava curada e só se via a cicatriz. O rebordo do tanque estava tão baixo que ele podia facilmente chegar à água. No bordo havia uma taça cheia de água. Quando saciou a sede, correu a jogar longe do tanque, como fazem as crianças. Quanto a mim, acordei cheia de alegria: compreendi que ele estava livre da sua pena.*

Ana Catarina Emmerich (1774-1824). A religiosa da Wessphalia, estigmatizada célebre no mundo inteiro, cujo processo de canonização está em curso, tinha relações frequentes com as almas do Purgatório. Muitas destas pobres almas tinham permissão de lhe aparecer e pediam-lhe socorro. Acompanhada do seu Anjo da guarda ou de um santo, ela podia visitá-las e saber o que cada uma precisava: missas a que a alma



não tinha assistido por negligência, ou restituição de bens indevidamente adquiridos. A alma de uma mãe pediu-lhe que tirasse do mau caminho a sua filha ainda viva; a alma de um marido desejava chamar ao bom caminho a mulher que, distraída pela sua irreflexão, não acolhia nenhum aviso interior.

Três anos e meio depois da morte apareceu-lhe a própria mãe de Ana Catarina e conduziu-a a um lugar do Purgatório onde se sofria muito, para lhe pedir ajuda para as almas que lá se encontravam. Como o laço natural de amor entre a mãe e a filha está aqui posto em destaque e iluminado duma claridade sobrenatural pelo amor das duas ao próximo que sofre!

Luísa Hensel, conhecida poetisa alemã, estava inquieta por causa de uma defunta. Ana Catarina Emmerich, sua amiga, consolou-a com estas palavras: “Acredita que não foi em vão que Cristo ficou três horas suspenso na cruz com tais sofrimentos, e de braços tão abertos. Há muitas mais almas salvas do que nós pensamos”.

Mesmo o olhar que ela lança sobre o Purgatório é consolador: é verdade que vê bem as almas em grande tristeza, mas com alguma coisa no rosto “como se elas tivessem também alegria no coração e pensassem em Deus misericordioso”.

## **O Museu das almas do Purgatório em Roma**

O R. R Réginald Omes escreveu na sua obra “Pode-se entrar em comunicação com os mortos?” (Pattloch-Verlag) “Visitamos muitas vezes o célebre museu das almas do Purgatório, em Roma. Foi fundado em 1900 pelo R. P. Victor Jouet, padre do Sagrado Coração, e também fundador da revista ‘O Purgatório’.”

Este museu oferece aos visitantes uma colecção de documentos autênticos, certamente única no seu género: podem ver-se os traços de fogo deixados por almas do Purgatório em livros de orações, tal como o de Margarete Dammerle d’Erlingen; em missais; em tecidos, tal como a camisa de Joseph Leleux de Mons que tem a impressão queimada de dedos datada de 21 de Janeiro de 1789 ou ainda o capote militar, fortemente chamuscado pelo fogo, de uma sentinela italiana que, durante uma noite do ano de 1932, fazia a guarda ao Panteão, diante do cenotáfio do rei Humberto 1º (assassinado em 1900), cujo espectro pousou sobre o ombro do soldado uma mão em fogo, depois de lhe ter confiado uma mensagem para Victor Emanuel III... Também aí se pode ver uma cruz perfeitamente traçada pela extremidade de um indicador em fogo. Se admitirmos que tais marcas não são de modo algum o efeito de um acaso, ou de uma trapaça deliberada, é evidentemente bem claro que elas não puderam ser produzidas pelo “fogo” espiritual que envolve as almas do Purgatório: só podem ser explicadas por um milagre de Deus, que criou para

esse efeito um elemento capaz de queimar os objectos e neles deixar os seus traços negros, símbolo da “queimadura” espiritual que sofrem as almas depois da morte, durante o seu tempo de expiação.

## Citações

Não devemos esquecer, nas nossas orações, nenhum membro do Corpo Místico de Cristo e ainda mais que todos os outros aqueles que se encontram no Purgatório.

*(Pio XII, encíclica “Mystici Corporis”)*

A caridade estende-se também aos que morreram neste amor (de Deus) porque o amor é a vida da alma, como a alma é a vida do corpo.

*(S. Tomás de Aquino)*

Como a caridade é o laço que une o conjunto dos membros da Igreja, ela estende-se tanto aos vivos como aos que morreram na caridade. Graças a este elo de caridade, as ofertas dos fiéis podem ser úteis aos defuntos.

*(Denis le Charireux)*

A ferrugem do pecado é a ganga da alma. Ela é eliminada pelo fogo do Purgatório. Quanto mais se limpa desta ganga, mais a luz do verdadeiro sol — Deus — nela penetra. *(Santa Catarina de Génova)*

Romano Guardini escreveu um dia que haveria pouco

a dizer sobre o além se a vida do homem só fosse dividida entre o bem e o mal. Mas o homem é um ser complexo em que o bem e o mal se entrelaçam tão intimamente que muitas vezes são difíceis de separar um do outro (pensemos na parábola do fermento e na do grão, no Evangelho).

O homem é a mais bela criatura de Deus. Deus chamou-o a uma união perfeita. Então, quando esta criatura aparece diante d'Ele, uma vez libertada do que é material, Ele quer vê-la perfeita, absolutamente digna do Seu amor. *(J.-M Szyńskiak, s.j.)*

Acordai, vós que dormis! Rezai pelos defuntos. (apelo do guarda noturno, antigamente, em cidades e aldeias de França).

Nós vivemos dos bens de nossos antepassados e parentes defuntos, e esquecemos facilmente o que lhes devemos, como eles desejam o nosso obrigado e quanto necessitam do nosso socorro. Eles gritam-nos: “Suporta, sofre, reza, jejua, dá esmola por nós! Oferece por nós o sacrifício da Missa!” (Ana-Catarina Emmerich, religiosa Agostinha)

Esse fogo provará a qualidade da obra de cada um. *(ICor 3,13)*

Como somos felizes por acabar a nossa vida em paz com Deus! Mas aqui, o que nos tortura, é o desejo de O ver. *(Dante, Purgatório, v 36)*

Deus não muda de natureza: Ele só pode ser santo.

Mas, porque é santo, nenhuma alma pode ser feliz no céu sem ser santa. (*Cardeal Newinan*)

Se soubéssemos que poder têm no coração de Deus estas boas almas do Purgatório e se soubéssemos quantas graças podemos obter pela sua intercessão, elas não seriam tão esquecidas! É preciso pedir muito por elas, para que elas peçam muito por nós. (*S. João-Maria Vianney, cura d'Ars*)

## A Igreja sofredora do Purgatório

Carta do Papa Pio XI, 21 de Outubro de 1923

Propre Adsunt Dies

Como todos os anos eis que voltam os dias que dão um novo impulso à vida religiosa do povo cristão. Com efeito, durante estes dias de festa, a nossa Mãe Igreja apresenta como modelos aos crentes que peregrinam ainda na terra os seus irmãos, os santos, que atingiram a felicidade no céu. As cerimónias litúrgicas lembram-nos, em seguida, *“aqueles que nos precederam marcados com o sinal da fé e que dormem em paz”*, os que, antes da purificação completa do Purgatório, segundo o julgamento de Deus, estão ainda afastados desta beatitude. Não há dúvida que a Igreja age assim em perfeita harmonia com o dogma tão consolador da fé católica sobre a comunhão dos santos. Os laços estreitos que nos unem por um lado com os bem-aventurados no céu e por outro com as almas que se purificam no Purgatório, acarretam-nos dois deveres: com os eleitos, rejubilamos pela sua entrada na beatitude celeste e pedimos-lhes que nos protejam e nos ajudem a viver uma verdadeira vida cristã; às almas do Purgatório *“levamos o alívio pela nossa oração de intercessão, sobretudo pelo santo sacrifício da missa”*. Esta obra de misericórdia é particularmente agradável aos santos; na perfeição do seu amor, eles alegram-se por verem aumentar, graças à nossa ajuda, o número dos que partilham a sua bem-

aventurança eterna e cantam a bondade e a misericórdia de Deus.

Para um coração normal é quase impossível que a compaixão humana com a sorte dos defuntos desapareça completamente. No entanto, podemos constatar que para a maior parte das pessoas, a recordação dos defuntos, pouco a pouco, esbate-se e até mesmo se extingue; ou então esgota-se em homenagens e testemunhos de afeição que são louváveis, mas que contribuem menos para ajudar as almas do Purgatório do que para consolar os que ficam. Como o nosso dever, enquanto pai comum dos fiéis, nos impede de excluir a nossa solicitude a quem quer que esteja entre os que nos deixaram, o nosso coração volta-se muito naturalmente, a alguns dias do dia da comemoração dos fiéis defuntos, para a imensa multidão dos nossos filhos que caíram na última guerra mundial, para os que morreram devido a doenças ou ferimentos, assim como pelas vítimas das guerras civis e dos tumultos do pós-guerra. Sim, a recordação desses mortos enche o nosso coração de uma tristeza particularmente dolorosa e temos razões para temer que, por causa da negligência dos seus próximos, eles sejam privados do *socorro amoroso da sua oração e intercessão*. Que dizer ainda das numerosas vítimas dessa imensa catástrofe que, desde o berço, não conheceram os carinhos nem o sorriso de uma mãe? Esses órfãos sem amor, sem casa, que não têm ninguém para os chorar e os recomendar à misericórdia do Pai que está nos

céus!

Os defuntos que adormeceram no Senhor e que agora estão livres de toda a hostilidade e de toda a divisão, alegram-se agora e para sempre da sua união estreita com Jesus Cristo, pelo Seu amor e Sua graça, até ao dia em que poderão ter parte na glória eterna prometida a todos os filhos de Deus, *de todas as tribos, línguas, povos e nações* (Ap 14,6; 7,9). Do mesmo modo também nós queremos que as orações e os sacrifícios dos fiéis, para além das diferenças de nacionalidade e de opiniões, sejam oferecidos a Deus em favor de todos os defuntos sem excepção, por todos os que foram vítimas dos acontecimentos que acabamos de mencionar.

Esta comunidade universal de oração poderá por um lado apressar o acesso destes filhos bem-amados à visão beatífica, e por outro lado enraizar mais o coração dos fiéis no *amor; que é o vínculo da perfeição*. A paz de Cristo poderá assim tomar-se realidade pelo estabelecimento do Reino e irradiar em todo o mundo.

Por isso o nosso voto mais caro, venerável irmão, é que, na ocasião da próxima festa de Todos os Santos, da comemoração dos fiéis defuntos e durante todo o mês de Novembro, se organize na cidade de Roma uma vasta campanha de orações e de sacrifícios pelas intenções que acabamos de evocar. Temos também a firme esperança que o exemplo dos fiéis de Roma será



um poderoso estímulo para toda a Igreja católica. Nesta esperança, que é para o nosso coração um grande consolo, conceder-vos de todo o coração, venerável irmão, assim como ao clero e aos fiéis de Roma, como penhor da graça divina e em testemunho do nosso amor paternal, a bênção apostólica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, em 21 de Outubro de 1923, no segundo ano do nosso pontificado. Pio XI, Papa

### **Testemunho de um Franciscano**

O meu irmão mais velho era um homem de carácter ligeiro e o meu pai era muito severo. Depois da morte do meu pai, o meu irmão disse-me um dia: “Não mandarei dizer missas por meu pai. Se estiver no céu, não precisa delas. Se estiver no inferno, as missas de nada lhe servirão. E se estiver no Purgatório que fique lá porque bem o mereceu...”

Há alguns anos o meu irmão também morreu. Uma noite vi-o em sonho e disse-me que não precisava de rezar por ele. As minhas orações seriam úteis para outras almas mas não para ele, porque tinha de sofrer o castigo dos seus pecados. Reflecti longamente no que ele me tinha dito, até ao dia em que me lembrei desta palavra do Senhor: “...*com a medida com que medirdes sereis medidos*” (Mt 7, 2). (Padre Gilbert, Convento de Santo António — Rio de Janeiro Carta de 19 de Novembro de 1995)

## **A bem-aventurada Ana Maria Taigi (1769-1837)**

Mãe de muitos filhos, ela foi a alma apaziguadora da sua família levando uma vida de oração mística no meio da agitação da grande cidade de Roma. Teve um grande papel na sua vida uma espécie de sol místico, semelhante à “luz viva” de santa Hildegarda. Nesta luz, ela podia conhecer a situação espiritual de outras pessoas, vivas ou defuntas, assim como os acontecimentos da política mundial contemporâneos e futuros. Ficou especialmente impressionada com a visão de uma obscuridade que virá no fim do mundo.

### *O amor às almas do Purgatório*

As almas sofredoras pediam-lhe, por vezes com insistência, que rezasse por elas, mas a libertação dessas almas causava-lhe sofrimentos de um contínuo purgatório. Por amor destas almas, ela arrastava-se penosamente até ao cemitério. Fazia as suas visitas ao cemitério 40 dias seguidos, em qualquer estação, sempre descalça, apesar do sol, da chuva, do frio, e da sujidade; em cada sepultura rezava ‘três Requiem e uma oração’... Pedia especialmente pelas almas dos padres defuntos, sentiu uma dor indizível. Mons. Pedicini celebrou em seguida uma segunda missa. Ao Glória, a bem-aventurada viu a alma liberta entrar no céu, e com esta visão ela creu morrer de êxtase. Recomendava às almas libertadas as intenções da Igreja, e do Papa em particular, a quem chamava “o Cristo na terra”, como Santa Catarina de Sena.

*Ana descobria tudo nele* (na luz do sol místico)

— *A sorte dos defuntos*

A bem-aventurada via no sol a sorte das almas dos defuntos, a duração e a causa dos seus sofrimentos expiatórios.

Nunca dizia o nome das almas condenadas. A Mons. Natali, que lhe dizia que as almas dos danados não têm direito ao amor, ela respondia: “Mas os seus parentes e amigos que ainda estão na terra, têm o direito de ser amados”.

Alguns exemplos: ela viu um padre seu conhecido que tinha sido salvo porque se dominara por causa de um mendigo que o importunava. Foi um acto de virtude que lhe proporcionou outras graças e outras obras meritórias.

Viu também um homem da Igreja que tinha sido muito estimado pela sua diligência, as suas homilias, e o seu zelo apostólico, mas que sofria no Purgatório porque, quando pregava se preocupava mais com o seu renome do que com a glória de Deus.

E ainda uma amiga, que tinha iluminações sobrenaturais, mas que estava no Purgatório porque não tinha guardado silêncio sobre as graças que tinha recebido.

Dois religiosos amigos estavam no Purgatório; um tinha morrido em odor de santidade, o outro com a

reputação de um director de consciência altamente estimado. O primeiro tinha dado demasiada importância ao seu próprio julgamento; o segundo tinha sido muito distraído no exercício do seu cargo.

O conde X..., morto apenas dois dias antes, foi salvo apesar da sua vida dissoluta porque tinha perdoado a um inimigo. Mas ainda tinha de continuar no Purgatório tantos anos como os que tinha passado nas vaidades do mundo. Um leigo, aluno de Ana, morto com reputação de grande virtude, foi condenado a uma dura expiação porque tinha adulado personalidades oficiais.

À morte de Leão XII, ela viu os preparativos do seu catafalco; alguns anos depois viu a alma dele como um rubi ainda não purificado pelo fogo. Aquando do serviço fúnebre celebrado pelo rico cardeal Dona, viu que centenas de missas que ele tinha mandado celebrar, não dariam nenhuma ajuda à sua alma. Serviriam primeiro para os pobres. Ele só receberia ajuda mais tarde. A exemplo de Catarina de Sena ou dos pintores da Idade Média, a bem-aventurada não lisonjeava os grandes deste mundo.

Pelo contrário viu a alma de um irmão capuchinho, Félix de Montefiascone, subir directamente ao céu, bem como a de um outro irmão leigo franciscano, de um noviço jesuíta e de dois padres missionários.

Um dia, quando Ana se confessava com um padre Trinitário, o P. Ferdinand, ela disse-lhe : “O P. Geral

dos Trinitários foi massacrado com o seu companheiro, por soldados franceses em Espanha”. Ela descreveu os maus tratos que sofreram. As suas almas de mártires tinham subido ao céu. Um mês mais tarde, cartas de Espanha anunciavam a morte dos dois Trinitários, como Ana tinha descrito.

Muitas vezes as suas visões eram menos consoladoras. “Há tantas almas para consolar! Para os especuladores e os aproveitadores, é muito difícil atingir a salvação”.

Esta verdade continua sendo válida.

(Citado de Albert Bessières S. J., Ana Maria Taigi, Seherin und Prophetin, 4 Auflage, ChristianaVerlag, CH- 8260 Stein am Rhein/Suíça.)